

# SUMÁRIO

---

- 1. HISTÓRIA DO CURSO**
- 2. JUSTIFICATIVA**
- 3. MARCO TEÓRICO E METODOLOGIA**
- 4. OBJETIVOS**
- 5. PERFIL PROFISSIONAL**
- 6. COMPETÊNCIAS, ATITUDES E HABILIDADES.**
- 7. CAMPO DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL**
- 8. EMENTAS E BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS**
- 9. SISTEMÁTICA DE CONCRETIZAÇÃO**
- 10. CERTIDÕES DE APROVAÇÃO**
- 11. ANEXOS**

# 1

## HISTÓRIA DO CURSO

### 1. Fundação e primeiro currículo - 1974/1976

O Curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU) foi criado em dezembro de 1974 (Resolução 18/74 CONSUNI, de 02/12/74) como apêndice do Curso de Engenharia Civil do Centro de Tecnologia da UFPB, e iniciou suas atividades no primeiro semestre letivo de 1975, tendo como base de funcionamento a estrutura curricular regida pela Resolução 46/74 CONSEPE de 10/09/74 que previa uma duração de no mínimo oito e no máximo doze semestres com 3720 horas de duração. Essa primeira estrutura curricular previa os conteúdos das disciplinas, mas ainda não dispunha de ementas, que foram sendo elaboradas à medida que o curso se desenvolvia.

Para dar suporte a esse curso, criaram-se, nesse mesmo ano, a Coordenação do Curso e o Departamento de Arquitetura, este devendo também atender às demandas dos outros cursos do CT relativas à área de expressão e representação gráfica. Esse departamento foi formado a partir da relocação de engenheiros do Departamento de Tecnologia da Construção Civil e da contratação de arquitetos da Prefeitura Universitária, contando, no início, com um número reduzido de professores. O Colegiado do Curso só passou a funcionar a partir de dezembro de 1976.

Nessa primeira etapa do curso, ainda que não houvesse uma proposta claramente definida, as condições objetivas de sua criação – Centro de Tecnologia, professores oriundos do DTCC, carga mínima de projeto e representação, instrumental técnico idêntico ao do engenheiro, e algo de humanidades previsto pela própria universidade – apontava para a formação de um profissional com perfil muito próximo ao do engenheiro e voltado principalmente para o projeto e construção do edifício. O objetivo da criação do curso era prover a cidade de profissionais preparados para a organização do espaço habitado, público e privado.

## 2. Primeira reformulação - 1976/79

A partir do primeiro semestre de 1976, paralelamente à contratação de professores-arquitetos, e constatada a necessidade de uma estrutura específica que contemplasse a formação do arquiteto, iniciou-se a primeira reformulação curricular do curso. O objetivo dessa reformulação era criar um curso de arquitetura independente, eliminando o seu caráter de apêndice do Curso de Engenharia Civil. Baseada em amplas discussões, das quais participavam professores e alunos envolvidos com o curso, essa reforma contava ainda com o apoio da ABEA – Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura, que realizava, nesse momento, ações visando a reformulação do currículo mínimo dos cursos de arquitetura do país.

O primeiro período de 1977 iniciou-se com a nova estrutura curricular (Resolução nº 12/77-CONSEPE, de 22/03/77), que atendia ao currículo mínimo aprovado pelo Conselho Federal de Educação em 1969 (Resolução nº 03/69-CFE de 25/06/69), que só foi alterado em 1996 pela Portaria 1770.

Essa nova proposta aumentava a duração do curso para 3840 horas, a serem cursadas em no mínimo 9 e no máximo 13 semestres e se baseava em três eixos de conhecimento: a) projeto e representação gráfica, b) teoria e história da arquitetura e c) tecnologia. As principais mudanças propostas no sentido de atender aos novos objetivos do curso — de dar especificidade à formação do arquiteto, diferenciando-a da formação do engenheiro — e de contemplar as necessidades conjunturais que privilegiavam e solicitavam medidas urgentes a respeito da intervenção na cidade, resultaram em:

- a) decréscimo do número de créditos dedicados ao conteúdo técnico;
- b) acréscimo do número de créditos dedicados ao conteúdo relativo a Teoria e História;
- c) acréscimo do número de créditos dedicados ao conteúdo relativo a disciplinas de projeto de edificação e urbanismo, entendendo essas duas escalas de intervenção inseparáveis;
- d) inclusão de conteúdo relativo ao planejamento urbano e regional e às políticas públicas;
- a) criação de cinco áreas de concentração de estudos, que contemplavam novas solicitações da sociedade: conforto ambiental, materiais e tecnologia construtiva, planejamento habitacional, planejamento urbano e regional, preservação e restauração arquitetônica e urbanística;
- e) criação do trabalho final de graduação como um momento de síntese onde o aluno demonstraria o seu nível de amadurecimento, um espaço de liberdade e de exercício da crítica onde o tema era de livre escolha;
- f) inclusão de disciplinas correlatas optativas que despertassem a importância das relações interdisciplinares.

Aproveitando a orientação geral da universidade, essa proposta se traduziu em uma blocagem, onde os conhecimentos simultâneos ou subseqüentes eram garantidos pelos pré e co-requisitos.

Entre as medidas fundamentais, de apoio a essa reformulação curricular, tomadas nesse período podemos listar: a) avaliação da proposta através de questionários, seminários internos, palestras de convidados externos; e mecanismos afins; b) relação com outras universidades através de convênios, intercâmbio e pesquisas conjuntas; c) capacitação docente (promoção de cursos de pós-graduação, convênios com a UNB, USP e UFPR); d) novas contratações e consolidação do quadro docente (entre 1977 e 1979 foi contratada a maioria dos professores do Departamento de Arquitetura; e) prestação de serviço e ações conjuntas com os órgãos públicos sediados no estado (PMJP, Funcep, IPHAEP, etc.); f) intensa colaboração com as entidades de representação profissional (representação no CONFEA/CREA, na ABEA, no IAB, no SINARQ, ADUF); incentivo à criação de mecanismos de representação estudantil; g) incentivo à pesquisa.

Nesse sentido, uma das formas de viabilizar essas medidas foi a criação do Núcleo Experimental de Arquitetura e Urbanismo em 1977 como unidade de apoio ao curso, com o objetivo de fomentar e oferecer condições para a realização de trabalhos interdisciplinares, realizando uma série de atividades de pesquisa e prestação de serviços. Prestou serviços de assessoria e projeto a órgãos públicos, associações comunitárias e empresas mistas ou privadas, assim como atividades de apoio ao plano didático e capacitação profissional. Essas atividades permitiram a realização de alguns dos objetivos do curso como: integrar professores e alunos no desenvolvimento de pesquisas, proporcionar um trabalho direto com a população, garantir a presença da universidade na análise e resolução dos problemas arquitetônicos e urbanos da cidade, permitir o trabalho conjunto de professores de várias áreas do conhecimento (arquitetos, engenheiros, sociólogos, historiadores, psicólogos e outros) e criar espaços de vivência universitária. Infelizmente, por questões políticas, o NEAU foi fechado em 1980, por decisão do Departamento de Arquitetura, apoiado pela direção do Centro de Tecnologia.

Outra ação no sentido de viabilizar essas medidas foi a construção de um edifício provido de instalações físicas específicas, o Atelier de Projeto<sup>1</sup>, para abrigar as atividades do CAU.

Com as instalações físicas específicas em construção, com o quadro de professores consolidado e um extenso currículo de atividades realizadas, o curso foi reconhecido em abril de 1979, através do Decreto Presidencial nº 83.380 CFE.

Satisfeitas as condições legais em dezembro do mesmo ano, forma-se a primeira turma de 13 alunos. Estão aptos a entrar no mercado de trabalho os 13 primeiros arquitetos formados pela UFPB

### **3. Interregno 1980 - 1986**

Segue-se um período marcado por crises internas que refletiam os problemas enfrentados pela universidade e pela sociedade como um todo. A reorganização da sociedade no sentido de pressionar o governo a restabelecer a normalidade

---

<sup>1</sup> Esse edifício foi financiado com recursos do MEC/BID III – Ministério de Educação e Cultura / Banco Interamericano de Desenvolvimento

política e de lutar pela redemocratização do país, deslocava o campo de atuação política para além dos limites da universidade. Frente a divergências estruturais, o corpo docente enquanto coletivo se esfacela e a representação estudantil desaparece. Entre 1980 e 1986 foram abandonados os projetos coletivos: uma parcela considerável do quadro de professores saiu para capacitação docente, outra pediu transferência de universidade e uma terceira passou a desenvolver pesquisas e outros trabalhos individuais. Esse interregno, se por um lado não contribuiu para o processo de aprimoramento na construção de “escola”, possibilitou a qualificação de seus professores e consolidou a pesquisa na área, ainda que a partir de projetos individuais.

No final desse período foram elaborados e encaminhados a órgãos financiadores novos projetos de laboratórios, seminários e pesquisas, que iriam proporcionar condições para a retomada das atividades coletivas.

Paralelamente, a representação estudantil se reorganiza e passa a travar uma luta interna com as instâncias deliberativas do CT para reconquistar seu direito de representação, com o objetivo de participar ativamente na condução do seu processo de formação acadêmica e profissional.

Essas ações desembocaram em uma nova fase do curso e mais uma proposta de reformulação curricular

#### **4. A terceira reformulação curricular - 1987/1994**

A partir de 1987, com a aprovação de alguns dos projetos acima descritos e com o apoio de recursos do MEC/SESU e do CNPq e da FUNAPE, os esforços conjuntos do DA e da CCAU foram concentrados na criação de condições que permitissem ao curso participar e acompanhar mais de perto as transformações pelas quais passava a profissão e o país.

Assim, embrionariamente foi iniciada a instalação de laboratórios ligados à informática (INFOARQ) e vídeo (ARQUIVIDEO) bem como o desenvolvimento de trabalhos nestas áreas. Da mesma forma, foram implantados o Atelier de Artes Aplicadas (AAA), o Centro de Documentação e Informação (CEDIARQ) e o Ambiente Especial de Estudos para os alunos (ARQUESTUDO). Foram ampliadas as atividades da Oficina de Maquete (MARQ), reestruturada a utilização da Oficina de Fotografia (FOTOLAB) e iniciadas as atividades do Laboratório Integrado de Projetos (LIT), que a partir de agosto de 1992 foi substituído pelo Laboratório do Espaço Urbano e Construído (LEUCO).

Essas novas unidades de apoio didático proporcionaram uma certa efervescência, que desembocou na realização de outras atividades ligadas ao ensino, à pesquisa e principalmente à extensão, com a participação de outros setores da universidade, como o NDHIR e o Mestrado em Ciências Sociais, de entidades profissionais como o IAB e o Sinarq e de outros órgãos públicos como o Ideme e a Secretaria do Planejamento. Passaram a ser realizados sistematicamente

seminários, cursos e palestras, atividades que sustentavam a construção dessa nova fase.

Como conseqüência desse novo momento de ebulição, iniciou-se um novo ciclo de debates sobre a formação profissional que culminou em uma terceira reformulação curricular (Resolução nº 32/89-CONSEPE, de 28 de dezembro de 1989). Apesar de não se configurar como uma reformulação propriamente dita, essa nova proposta visava adequar o curso à nova conjuntura e melhorar a sua execução. Permaneceram praticamente as mesmas ementas com pequenas alterações de conteúdo, que procuravam garantir atualização dos conhecimentos e organicidade na seqüência das disciplinas através de uma estrutura e meios de operacionalização dotados de certa flexibilidade.

Essa reformulação visava principalmente recuperar o espírito (filosofia) da proposta de 1977 que se havia perdido ao longo desses 12 anos em face de problemas como falta de professores adequados a determinados conteúdos, adição de disciplinas arbitrariamente impostas por medidas federais ou emanados da própria universidade, falta de instalações físicas para o funcionamento de determinadas atividades ou conteúdos exigidos por uma nova conjuntura, escassez de programas ou convênios que permitissem a aproximação com a sociedade, entre outros. Esses objetivos se traduziam em medidas como; a) redimensionar as cargas horárias relativas aos conteúdos; b) eliminar as disciplinas impostas por legislação obsoleta; c) recuperar a autonomia das três grandes áreas do curso: teoria e história, projeto e representação e tecnologia; d) incentivar a pesquisa e a extensão como atividades de apoio didático; e) recuperar o tema livre como proposta para o trabalho final de graduação; f) contemplar através de atividades complementares conteúdos que começam a fazer parte da formação, mas ainda não têm força suficiente para consubstanciar-se em disciplinas.

A resolução decorrente dessa terceira reformulação é a vigente até o momento.

## **5. Nova regulamentação Federal: Portaria 1770; 1994 - 1999.**

Em dezembro de 1994 – considerando as recomendações resultantes de vários anos de debate nos seminários regionais e nacionais promovidos pelos cursos de arquitetura do país e pela Comissão de Especialistas no Ensino de Arquitetura e Urbanismo, CEAU/SESu – é publicada a Portaria 1770 que fixa as diretrizes curriculares e o conteúdo mínimo do curso de graduação em arquitetura e urbanismo.

Essa portaria revogava o disposto na Resolução 03/69 CFE que fixava o currículo mínimo, sobre o qual se apóia o currículo vigente do Curso de Arquitetura da UFPB e dava um prazo de dois anos a partir da data de sua publicação para o cumprimento dessa portaria, ou seja, dezembro de 1996. Ainda segundo o artigo 11 dessa mesma portaria, os conteúdos mínimos e a duração fixada seriam obrigatórios, inclusive para os alunos que ingressassem em 1996.

Entre 1994 e 1996 foram realizadas algumas reuniões das áreas do Departamento de Arquitetura que resultaram em avaliações e propostas parciais. No entanto não houve gestões da coordenação do curso no sentido de dar continuidade a esse processo de discussões e os documentos produzidos foram engavetados.

Esgotado o prazo previsto pela Portaria – dezembro de 1996 – e dois anos e meio mais – junho de 1999, e não havendo nenhuma ação concreta em relação à regularização do curso, os alunos que ingressaram a partir de 1996 continuavam em situação irregular. Nessa ocasião, a Pró-Reitoria de Graduação notificou o Chefe do Departamento de Arquitetura, que convocou o colegiado departamental para criar uma comissão responsável pela proposta de reformulação curricular. Os professores e alunos indicados para compor essa comissão se recusaram a participar enquanto o coordenador responsável pela situação criada não deixasse o cargo. Como nenhum outro professor se candidatasse a fazer parte dessa comissão, o Colegiado do CAU se propôs a elaborar a proposta. O produto do trabalho dessa comissão foi entregue fora do prazo estipulado pela PRG e considerado insuficiente, gerando nova crise no CAU, que resultou na saída do coordenador e na formação de uma comissão temporária para coordenar o curso e elaborar o PPP em menos de 30 dias.

## **7. Situação Atual**

No momento, esta comissão composta de cinco professores e dois alunos está apresentando o resultado desses 28 dias de trabalho intensivo na construção do Projeto Político Pedagógico do CAU, considerando a Portaria nº 1770 de 21/12/94 do Ministério da Educação e Desporto e a Resolução 39/99 Consepe de 16/09/99.

## **8. Objeto do Curso**

O objeto do Curso de Arquitetura é o espaço de vivência pública ou privada nas escalas da cidade e do edifício, considerando as suas relações com a história e a cultura, com o meio ambiente, com a tecnologia e a ciência, bem como com a criação artística.



## Comparação entre propostas curriculares: 74/77/89/99

	Resolução 46/74 CONSEPE			Resolução 12/77 CONSEPE			Resolução 32/89 CONSEPE			PPP		
	horas	créditos	%	horas	créditos	%	horas	créditos	%	horas	créditos	%
Obrigatórias	2535	169	68.1	2310	154	60.2	2310	154	59,2	3120	208	80.0
Complementares obrigatórias	780	52	21	915	61	23.8	1065	71	27,3	-	-	-
Complementares optativas	405	27	10.9	615	41	16	525	35	13,5	-	-	-
Complementares Flexíveis	-	-	-	-	-	-	-	-	-	780	52	20.0
Área de concentração	-	-	-	375	25	9.8	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>3720</b>	<b>248</b>	<b>100</b>	<b>3840</b>	<b>256</b>	<b>100</b>	<b>3900</b>	<b>260</b>	<b>100</b>	<b>3900</b>	<b>260</b>	<b>100</b>

área	obrigatórios				Optativos/flexíveis Créditos oferecidos	
	Resolução 32/89		PPP		Resolução 32/89	PPP
	créditos	%	créditos	%	Créditos optativos	Créditos flexíveis
Teoria e história	50	22.2	44	22.1	(50 oferecidos)	-
Técnicas	58	25.8	34	16.3	(27 oferecidos)	-
Projeto	57	25.3	68	32.7	(17 oferecidos)	-
Representação	38	16.9	42	20.2	(27 oferecidos)	-
outras	12	5.3	-	-	-	-
Estágio curricular	-	-	4	1.9	06	-
TFG	10	4.5	14	6.8	-	-
<b>Total</b>	<b>225</b>	<b>100%</b>	<b>208</b>	<b>100%</b>	<b>35</b>	<b>52</b>

# 2

## JUSTIFICATIVA

A análise do ensino superior no Brasil leva à identificação de uma profunda crise. Essa crise não se resume apenas à carência de recursos financeiros e humanos. Ela vai mais além. Passa por uma apatia generalizada, pela ausência de políticas claras e representativas dos segmentos da sociedade, pela falta de objetividade, pela não integração com o setor produtivo, pela sua ausência no processo de desenvolvimento do país e pelo desrespeito e agressão à sua autonomia.

Na Universidade Federal da Paraíba, esse quadro não se mostra diferente. Entretanto, em meio a todas essas dificuldades, a UFPB – através da Pró-Reitoria de Graduação, consciente de que a educação cria condições para um futuro melhor, com perspectiva de melhoria da qualidade de vida e de aumento da competitividade do sistema produtivo, vem buscando atacar de frente a crise educacional, no âmbito de sua competência, através da implantação do Projeto Político Pedagógico dos cursos de graduação.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo afirmou-se, ao longo das duas últimas décadas, como um curso moderno, articulado com as demandas sociais e com as diretrizes emanadas da Associação Brasileira do Ensino de Arquitetura e do MEC. Entretanto, nos últimos cinco anos deixou-se contaminar pela apatia e mergulhou no fosso profundo do imobilismo, deixando de se auto-avaliar, de refletir sobre o perfil profissional do egresso, de definir um projeto e de estabelecer metas.

Só recentemente, premido pela necessidade de adequar-se a uma Legislação Federal — Portaria Ministerial 1770 e à Resolução 39/99 CONSEPE, o CAU houve por bem vencer a inércia em que se encontrava e construir o seu Projeto Político Pedagógico de modo a se transformar em um curso de excelência.

Tem-se clareza de que a simples elaboração desse projeto não é garantia de resultados extraordinários, mas é o primeiro passo na direção da formação de profissionais competentes, comprometidos com o desenvolvimento da sua região, críticos e conhecedores da sua realidade, usuários e produtores de conhecimentos e aptos a intervir ética e responsabilmente para promover as mudanças requeridas pelo momento histórico.

# 3

## MARCO TEÓRICO E METODOLOGIA

A concepção do Projeto Político-Pedagógico do curso de Arquitetura e Urbanismo tem como fundamentos normativos os estudos que norteiam as reformas curriculares em andamento, da Educação Básica à Educação Superior, que estão regulamentadas na Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, e, mais especificamente, os estudos e discussões iniciadas em 1974 com a criação da Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura - ABEA e da Comissão de Especialistas no Ensino de Arquitetura e Urbanismo - CEAU/SESu e desenvolvidas posteriormente pelas universidades e entidades profissionais, que se consubstanciaram em resoluções, portarias e recomendações ministeriais, das quais a Portaria 1770 é última versão.

No âmbito da Universidade Federal da Paraíba, o PPP está regulamentado através da Resolução 39/99 CONSEPE, proposta pela Pró-Reitoria de Graduação.

Como linha geral de encaminhamento pedagógico, buscou-se estruturar a formação do futuro profissional da arquitetura e urbanismo de modo que ele possa se integrar ao mundo contemporâneo nas dimensões fundamentais da cidadania e do trabalho.

Assim, o PPP/CAU está fundamentado nos estudos que enfatizam, neste novo momento da educação, a prioridade do desenvolvimento da capacidade de pesquisar, de buscar informações, de analisá-las e de selecioná-las, além da disposição de aprender, criar, formular e reformular.

Entende-se, portanto, como requisitos necessários à formação do aluno, a capacidade de abstração, de desenvolvimento do pensamento sistêmico, de criar e pensar múltiplas alternativas para a formulação e solução de um problema, ou seja, do desenvolvimento do pensamento divergente; a capacidade de trabalhar em equipe, a disposição de criticar e aceitar críticas, a disposição para o risco, o desenvolvimento do pensamento crítico, do saber comunicar-se e a capacidade de buscar conhecimento. Tudo isso como condição para o exercício da cidadania num contexto democrático.

É importante destacar, tendo em vista tais reflexões, as considerações oriundas da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, incorporadas nas determinações da Lei nº 9.394/96<sup>2</sup>: a) a educação deve cumprir um triplo papel: econômico, científico e cultural; b) a educação deve ser estruturada em quatro alicerces: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser.

Todas essas considerações orientam as concepções pedagógicas específicas que deverão contemplar: a) o prazer de compreender, de conhecer e de descobrir, estimular o senso crítico e permitir a compreensão do real, mediante a autonomia de ação e a capacidade de discernimento, constituindo o passaporte para a educação permanente, na medida que favorece as bases para o estudo contínuo; b) o desenvolvimento de habilidades e o estímulo de novas aptidões como processos essenciais para enfrentar novas situações; c) o trabalho em equipe, aprendendo a tirar proveito de diferentes pontos de vista e permitindo a realização de projetos comuns; d) a percepção da interdependência dos conhecimentos, potencializando os recursos da interdisciplinaridade; e) a educação comprometida com o desenvolvimento total do indivíduo, preparando-o para elaborar pensamentos autônomos e críticos, para formular os seus próprios juízos de valor e exercitar a liberdade de pensamento, discernimento, sentimento e imaginação.

Nesse sentido, propõe-se para o CAU um projeto voltado para um ensino que facilite a ponte entre a teoria e a prática, ao analisar o papel da atividade na aprendizagem: *“compreender é inventar ou reconstruir através da reinvenção e será preciso curvar-se ante tais necessidades se o que se pretende, para o futuro, é moldar indivíduos capazes de produzir ou de criar, e não apenas de repetir”*<sup>3</sup>

Ainda sob o ponto de vista específico da formação profissional do arquiteto, o Estatuto da Unesco/União Internacional de Arquitetos para a educação dos arquitetos e urbanistas de 1996, reafirma os princípios e objetivos formulados nas diretrizes curriculares que nortearam a Portaria 1770/94: *“A arquitetura, a qualidade das edificações, o modo como elas se relacionam com seu entorno, o respeito ao ambiente natural e construído, bem como a herança cultural coletiva e individual são matérias de interesse público. (...) há conseqüentemente interesse público em assegurar que os arquitetos e urbanistas sejam profissionais aptos a compreender e dar resposta às necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidades, com relação ao planejamento do espaço, ao urbanismo, à construção de edifícios, bem como conservação e valorização do patrimônio construído, proteção do equilíbrio natural e à utilização racional dos recursos disponíveis”*.

Estes princípios defendidos tanto pela UNESCO/UIA como pela ABEA inclui os seguintes objetivos: a) qualidade de vida decente para todos os habitantes de assentamentos humanos; b) uso tecnológico que respeite as necessidades sociais, culturais e estéticas dos povos; c) equilíbrio ecológico e desenvolvimento sustentável do ambiente construído; d) arquitetura valorizada como patrimônio e responsabilidade de todos.

---

2 Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: bases legais. Brasília,

3 Piaget, J. Para onde vai a educação, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1996

Procurando atender a todas estas recomendações, umas de caráter geral e outras de caráter específico, e observando aos conteúdos propostos pela Portaria 1770/94 do MEC e pela Resolução 39/99 do CONSEPE, esta proposta se sustenta em uma estrutura articulada e flexível, que se propõe a reunir conteúdos afins para garantir uma visão de totalidade, uma ordem seqüencial de conhecimentos que estabeleça um processo formativo, e uma formação não formal que assegure o vínculo com a sociedade e o desenvolvimento das potencialidades individuais. O compromisso e a responsabilidade de alunos e professores com a execução desta proposta curricular é o ponto de partida desta experiência.

Inicialmente, ao aspirante ao curso de Arquitetura e Urbanismo será preciso atestar as suas habilidades básicas na percepção e interpretação da significação bi e tridimensional, sendo para tanto introduzido no vestibular para o curso de Arquitetura e Urbanismo a prova de Habilidade Específica.

O conteúdo curricular do curso está estruturado verticalmente em **três blocos** e horizontalmente segundo **3 eixos**. Os blocos definem as **etapas** do curso e os eixos definem o agrupamento dos **conteúdos** necessários a formação do arquiteto-urbanista para o exercício do ofício ou para a pesquisa. A duração total do curso é de 3.900 horas e 260 créditos, que deverão ser realizados em no mínimo 10 e no máximo 17 semestres.

## 1. Blocos

- **Introdutório**, com duração de 2 a 4 semestres.
- **Fundamental**, com duração de 6 a 10 semestres.
- **Conclusivo**, com duração de 2 a 4 semestres.



1.1. No **bloco introdutório** realiza-se uma primeira aproximação ao objeto de estudo e dos instrumentos que viabilizam a sua abordagem. Tem por objetivo desenvolver:

- a potencialidade de criação e representação
- definições e conceitos preliminares
- a percepção dos problemas da arquitetura e urbanismo e da amplitude dos conhecimentos envolvidos no seu estudo.

Esse bloco tem dois momentos: No primeiro momento, privilegia-se o conhecimento resultante da observação e da experimentação, através de oficinas de criação, viagens, visitas, etc. No segundo momento, privilegia-se a sistematização das informações e o equacionamento dos problemas, preparando a transição para o bloco seguinte, o produto final.

1.2. O **bloco fundamental** aprofunda os corpos teórico e prático da formação do arquiteto e está subdividido em duas partes com diferentes níveis: a) a primeira contempla os conhecimentos formativos e de criação de repertório (até o 6º semestre) e b) a segunda que aprofunda esses conhecimentos (a partir do 7º semestre).

1.3. O **bloco conclusivo** compreende o Trabalho Final de Graduação e se constitui no momento em que o aluno demonstra sua capacidade de síntese em relação aos conhecimentos adquiridos no curso e elege um tema, de sua preferência entre aqueles oferecidos pelas linhas de pesquisa, considerando a sua oportunidade conjuntural de aprofundamento. O produto final decorrente desta atividade deve ser o cartão de visitas do arquiteto para sua futura vida profissional.

1.4. Observações:

No primeiro bloco a carga horária recomendada é intensiva, supondo uma dedicação integral.

No segundo bloco a carga é reduzida permitindo ao aluno intensificar outras atividades complementares como estágio curricular, participação em projetos de pesquisa, extensão e monitoria, e outras atividades similares.

No terceiro recomenda-se a dedicação exclusiva ao Trabalho Final de Graduação

## 2. Eixos

- Projeto e Representação
- História da Arquitetura e da Cidade
- Tecnologia da Arquitetura e do Urbanismo

2.1. O eixo **Projeto e Representação** constitui a atividade síntese do curso. Por um lado é o momento onde os conhecimentos dos outros eixos se integram na proposta de projeto. Por outro é onde se desenvolvem as pesquisas específicas sobre o espaço arquitetônico e urbano materializado.

Este eixo trata simultaneamente das duas escalas da arquitetura: o edifício, nas disciplinas de projeto de edificação (PE), e a cidade, nas disciplinas de desenho urbano (DU). É importante frisar que embora essas duas escalas sejam tratadas, por razões didáticas, em disciplinas distintas, isto não significa que as interações entre edifício e cidade não sejam contempladas. Isto é garantido por uma integração vertical destas disciplinas através de temas comuns, eventualmente estendidos aos outros eixos.

Ao longo do curso a complexidade dos exercícios de projeto, quanto aos programas de necessidade e à tecnologia utilizada, vai aumentando à medida que as contribuições dos eixos de História e de Tecnologia vão permitindo a introdução de novas variáveis de projeto, na forma de ênfases que definem o conteúdo programático de cada uma das disciplinas do eixo de projeto. Os conhecimentos adquiridos são cumulativos e integram os exercícios das etapas posteriores.

Quanto ao nível de aprofundamento projetual, os exercícios devem ser desenvolvidos em nível de anteprojeto até o 6º semestre, e em nível de projeto de execução a partir do 7º semestre.

Todas as disciplinas deste eixo deverão contemplar – respeitadas as diferenças de nível, método, complexidade e tema – o tratamento do projeto projetado da totalidade ao pormenor.

O Atelier de Arquitetura, onde se realizam as atividades do eixo de Projeto e Representação, contará obrigatoriamente com a colaboração, a título de consultoria, de professores dos outros dois eixos, assim como poderá contar com a participação de outros profissionais quando necessário. Também deverá oferecer condições para a troca de informações e experiências entre alunos de distintos níveis.

As disciplinas de representação, em face de seu caráter de instrumento básico, estão concentradas nos três primeiros semestres. Aprofundamentos na área serão possibilitados pelos tópicos especiais

2.2. O eixo **História da Arquitetura e da Cidade**, entendida como história crítica e alinhada as concepções da nova história, estabelece as relações do curso com os campos da arte/cultura e das ciências humanas, e contribui para a formação, oferecendo os meios para aquisição de repertório e reflexão/avaliação da produção realizada, subsidiando o eixo de Projeto e Representação, desenvolvendo pesquisas relativas à área disciplinar (propondo questões a serem desenvolvidas a nível teórico) e formando professores de arquitetura e urbanismo.

2.3. O eixo **Tecnologia da Arquitetura e do Urbanismo**, que tem funcionamento e objetivos similares aos do eixo História da Arquitetura e da Cidade, apóia-se num conceito de tecnologia que ultrapassa o domínio exclusivo do saber técnico, considerando as condicionantes culturais, ecológicas e econômicas das decisões tecnológicas. Este eixo estabelece as relações do curso com a Ciência/Técnica e provê os meios para aquisição de repertório e instrumentos para a concreção dos projetos arquitetônicos e

urbanos, subsidiando o eixo de Projeto e Representação e desenvolvendo pesquisas neste campo específico de conhecimento.

#### 2.4. Observações:

Os três eixos realizam entre si um processo de realimentação mútua (feedback), onde o de História e o de Tecnologia alimentam o de Projeto, que por sua vez, propõe questões aos outros dois e estabelece um campo comum, lançando uma ponte entre eles.

A pesquisa aplicada será uma constante nos três eixos assinalados, na forma de propostas de trabalho, relatórios de visitas, pesquisas de campo, pesquisas temáticas, etc.

### 3. Conteúdos

Todos os conteúdos previstos na Portaria 1770 e na Resolução 39/99 estão contemplados na estrutura acima proposta. Alguns conteúdos que antes constituíam disciplinas serão, nesta proposta, agrupados por blocos de conteúdos conexos ou assimilados pelo atelier de projeto:

#### 3.1 Conteúdos previstos pela 1770 - MEC

##### 3.1.1 Matérias de Fundamentação

- O conteúdo de estética e história das artes permeia grande parte das disciplinas do curso, mas está contemplado principalmente na disciplina Elementos de História, Arte e Cultura e em todas as disciplinas de História da Arquitetura e do Urbanismo.
- O conteúdo de estudos sociais e ambientais permeia grande parte das disciplinas do curso, mas está contemplado principalmente nas disciplinas Desenho Urbano II e IV, Análise do Espaço Urbano, Noções de Planejamento Urbano e Regional e Noções de Arquitetura e Urbanismo.
- O conteúdo desenho está previsto como disciplina nos três primeiros semestres do curso, e como aplicação na maioria das disciplinas do curso.

##### 3.1.2 Matérias Profissionais

- O conteúdo História e Teoria da Arquitetura e do Urbanismo se desdobra em sete disciplinas.
- O conteúdo Projeto de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo se desdobra em disciplinas de projeto do edifício e desenho urbano.

- O conteúdo Técnicas Retrospectivas está contido nas disciplinas Instrumentos de Intervenção em áreas históricas, Projeto de Edificações III e Desenho Urbano III.
- O conteúdo Tecnologia da Construção está contemplado, de maneira geral, nas disciplinas de projeto do edifício e de desenho urbano e, em especial, em Tecnologia da Arquitetura I e II que englobam os conteúdos das antigas disciplinas Tecnologia das Construções I, Instalações Prediais e Materiais Construtivos I.
- O conteúdo Sistemas Estruturais está contemplado, de maneira geral, nas disciplinas de projeto do edifício e de desenho urbano e, em especial, em Sistemas Estruturais I e II, que englobam os conteúdos das antigas disciplinas Sistemas Estruturais I e II, Mecânica aplicada às construções e Resistência e Estabilidade das Construções.
- O conteúdo Conforto Ambiental está contemplado, de maneira geral, nas disciplinas de projeto do edifício e de desenho urbano e, em especial, em Conforto Ambiental I e II e englobam os conteúdos das antigas disciplinas Higiene e Conforto Ambiental e Conforto Ambiental.
- O conteúdo Topografia está contemplado nas disciplinas Introdução ao Desenho e Desenho Urbano II, e IV, que englobam os conteúdos da antiga disciplina Topografia.
- O conteúdo Informática aplicada à arquitetura está contemplado em todas as disciplinas do curso e especificamente na disciplina Perspectiva, contemplando o conteúdo da antiga disciplina Desenho Perspectivo.
- O conteúdo Planejamento urbano e regional está contido na disciplina Noções de planejamento urbano e regional e nas disciplinas de Desenho Urbano em seus diversos níveis.

### 3.1.3 Trabalho Final de Graduação

O trabalho Final de Graduação consta da estrutura curricular do CAU/UFPB desde a primeira reformulação de 1977 e já está consolidado como conteúdo e como etapa de transição entre a vida acadêmica e a vida profissional.

## 3.2 Conteúdos previstos pela 1770 - MEC e pela 39/99 - CONSEPE

Algumas atividades complementares à formação do arquiteto estão previstas tanto na legislação federal como na local, e deverão ser regulamentadas pelo Colegiado de curso de acordo com a legislação pertinente da universidade, são elas:

- o **estágio curricular** que poderá ser realizado em escritórios de arquitetura, empresas de projeto e construção, núcleos de pesquisa e extensão, laboratórios didáticos, instituições públicas e privadas com atividades nas áreas afins e similares.
- os **seminários temáticos**, de acordo com a Portaria 39/99 da UFPB serão realizados obrigatoriamente seminários sobre os seguintes temas: Educação Especial, Educação Ambiental e Direitos Humanos. Estes

seminários serão integrados respectivamente às disciplinas Ergonomia, Desenho Urbano II e Deontologia e Prática Profissional.

- as **disciplinas livres** são aquelas escolhidas pelo aluno entre as oferecidas pela Universidade para contemplar conteúdos de interesse individual e trajetórias pessoais.
- os **tópicos especiais** substituem as tradicionais disciplinas optativas e contemplam os conteúdos decorrentes de deficiências conjunturais, demandas flutuantes, complementações e aprofundamentos em temas afins ou linhas de pesquisa. Estes tópicos podem também abrigar conteúdos ministrados em seminários, workshops e similares. Assuntos como desenho do objeto, comunicação visual, oficinas de criatividade, arquitetura sem arquitetos, avaliação pós-ocupação podem ser incluídos nestes tópicos.
- a participação em **projetos de pesquisa, extensão e monitoria** permite o contato direto com a sociedade, visando a formação do cidadão, do profissional da produção e do pesquisador/professor.

#### 4. Linhas de Pesquisa

Para apoiar o aprofundamento de estudos em temas específicos foram identificadas cinco linhas de pesquisa a partir da produção do corpo de professores e pesquisadores vinculados ao Curso, segundo seus interesses e qualificações:

- História da Arquitetura e da Cidade
- Meio Ambiente e Conforto Ambiental
- Avaliação Pós-ocupação
- Expressão e Representação
- Projeto de Arquitetura e Urbanismo

As duas primeiras linhas acima apontadas apresentam uma produção consistente e extensa e constituem as bases de um futuro programa de mestrado em arquitetura que é uma das metas prioritárias do Departamento de Arquitetura da UFPB.

#### 5. Linhas de Extensão

Identificou-se duas linhas de extensão a partir da produção do corpo docente em parceria com os alunos do Curso de Arquitetura, e que já estão consolidadas no PROBEX:

- Arte, educação e criatividade.
- Projetos de arquitetura de interesse social

Essas duas linhas estão sendo desenvolvidas, respectivamente, com o apoio da Oficina de Plástica e do APIS – Laboratório de assessoramento de projetos de interesse social.

# 4

## OBJETIVOS DO CURSO

### Geral

Formar arquiteto e urbanista capaz de conhecer, planejar e projetar o espaço de vivência pública ou privada nas escalas da cidade e do edifício, considerando as suas relações com a história e a cultura, com o meio ambiente, com a tecnologia e a ciência, bem como com a criação artística.

### Específicos

- Desenvolver no aluno a percepção dos problemas de interesse da arquitetura e urbanismo;
- Ensinar o aluno a aprender continuamente;
- Potencializar no aluno a capacidade de criar e representar o espaço de vivência pública e privada;
- Preparar o aluno para intervir no meio ambiente;
- Estimular o aluno a praticar atividades de pesquisa e a articular-se com a sociedade;
- Fornecer base tecnológica que permita ao egresso elaborar e gerenciar projetos de arquitetura e a usar novas tecnologias.

# 5

---

## PERFIL DO EGRESSO

O arquiteto e urbanista, como um profissional de formação generalista em seu campo de atuação, deve estar comprometido com posturas éticas relacionadas ao desempenho profissional, à cidadania e à questão ambiental.

Esse profissional deve estar apto a propor soluções físico-espaciais que atendam às demandas da sociedade, a responder aos desafios advindos das transformações tecnológicas através de um arcabouço teórico-instrumental que lhe possibilite adaptar-se às mudanças para atuar de forma criativa, e ser afeito à prática da investigação e da produção de novos conhecimentos.

# 6

## COMPETÊNCIAS, ATITUDES E HABILIDADES DO EGRESSO

### COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DESEJADAS:

O exercício profissional do arquiteto e urbanista no Brasil é regulado por lei. A habilitação é única, ou seja, não existem modalidades na profissão. A responsabilidade técnica e a responsabilidade social (código de ética) constam da lei 5.194/66, que regulamenta a profissão nacionalmente. Assim, os arquitetos e urbanistas formados em qualquer unidade da Federação podem exercer sua profissão em todo o território nacional.

#### As competências

Do ponto de vista legal (Lei 5194/66, Resolução 218/73 e Decisão Normativa 47/92 do CONFEA), compete ao arquiteto e urbanista o exercício das seguintes atividades: supervisão, orientação técnica, coordenação, planejamento, elaboração de projetos e de especificações, direção e execução de obras, ensino, assessoria, consultoria, vistoria, perícia e avaliação, todas referentes a construções, conjuntos arquitetônicos e monumentos, arquitetura de interiores, urbanismo, planejamento físico, urbano e regional, desenvolvimento urbano e regional, paisagismo e trânsito.

#### Os conhecimentos

A educação do arquiteto e urbanista deve ser assegurada por um ensino de nível universitário que mantenha o equilíbrio entre os aspectos teórico-conceituais, que constituem os campos de conhecimento de fundamentação e a pesquisa científica, e a prática profissional, entendida como estágios curriculares e atividades de extensão e de pesquisa aplicada.

## **As habilidades**

O arquiteto e urbanista deve ser apto a aplicar os conhecimentos da história, da cultura e das belas artes, com ênfase nas manifestações ocorridas no Brasil, da ecologia, da ciência e da tecnologia, na concepção do projeto de arquitetura e urbanismo.

O arquiteto e urbanista deve ser apto a compreender as questões ambientais e as relações entre as pessoas e entre as construções e o seu entorno, de modo que sua atividade profissional vise a preservação do meio ambiente e a do patrimônio histórico-cultural.

O arquiteto e urbanista deve ser apto a desenvolver práticas de pesquisa e de articulação com a sociedade.

O arquiteto e urbanista deve ser apto a elaborar e gerenciar projetos de arquitetura e a absorver as mudanças tecnológicas ocorrentes no âmbito do seu exercício profissional.



## CAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

A Constituição Federal de 1988 declara que “é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer...” (cap I, art.5, XII).

A profissão de arquiteto é regulamentada pela lei federal 5194/66, de 24 de dezembro de 1966. Desta forma, o exercício da profissão fica reservado aos que possuem diploma de faculdade ou escola superior oficial reconhecida pelo Estado.

A lei 5194/66, em seu Art. 7º diz que as atividades e atribuições do engenheiro, do arquiteto e do engenheiro-agrônomo consistem em:

- a) desempenho de cargos, funções e comissões em entidades estatais, paraestatais, autárquicas e de economia mista e privada;
- b) planejamento ou projeto, em geral, de regiões, zonas, cidades, obras, estruturas, transportes, explorações de recursos naturais e desenvolvimento da produção industrial e agropecuária;
- c) estudos, projetos, análises, avaliações, vistorias, perícias, pareceres e divulgação técnica;
- d) ensino, pesquisa, experimentação e ensaios;
- e) fiscalização de obras e serviços técnicos;
- f) direção de obras e serviços técnicos;
- g) execução de obras e serviços técnicos;
- h) produção técnica especializada, industrial ou agropecuária;

Parágrafo único os engenheiros, arquitetos e engenheiros-agrônomo poderão exercer qualquer outra atividade que, por sua natureza, se inclua no âmbito de suas profissões.

A resolução 218/73 CONFEA diz sobre essas mesmas atividades e atribuições:

Art.1º - Supervisão, coordenação e orientação técnica; estudo, planejamento, projeto e especificação; estudo de viabilidade técnico-econômica; assistência, assessoria e consultoria; direção de obra e serviço técnico; vistoria, perícia, avaliação, arbitramento, laudo e parecer técnico; desempenho de cargo e função técnica; ensino pesquisa, análise,

experimentação, ensaio e divulgação técnica, extensão; elaboração de orçamento; padronização, mensuração e controle de qualidade; execução de obra e serviço técnico; fiscalização de obra e serviço técnico; produção técnica e especializada; condução de trabalho técnico; condução de equipe de instalação, montagem, operação, reparo ou manutenção; execução de instalação, montagem e reparo; operação e manutenção de equipamento e instalação; execução de desenho técnico.

Art. 2º - Compete ao arquiteto o desempenho das atividades (acima) referentes à: edificações – conjuntos arquitetônicos e monumentos – arquitetura paisagística e de interiores – planejamento físico local, urbano e regional, seus serviços afins e correlatos.

As atribuições profissionais legalmente conferidas aos arquitetos possibilitam-lhes amplas oportunidades no mercado de trabalho. A globalização e o avanço tecnológico transformam rapidamente as profissões e o modo de produção da sociedade contemporânea, exigindo, em consequência, que os novos profissionais detenham, simultaneamente, maior especialização e compreensão dos processos globais de produção.

Nesse cenário, pode-se reconhecer a versatilidade do arquiteto e urbanista que tem a sua formação fundamentada nos conhecimentos de diversas áreas – tecnológica, social, ambiental e cultural – o que contribui para respaldar a amplitude de suas atribuições profissionais.

# 8

## EMENTAS E BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS

### 1. EIXO HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA CIDADE

- I - Elementos de História, Arte e Arquitetura** (04 créditos).  
Conceitos e definições iniciais sobre história, arte e arquitetura. História e historiografia. A arquitetura e a cidade como manifestações culturais. Relações entre cultura e natureza, civilização e linguagem, pensamento espacial e representação na produção da arquitetura e da cidade. Introdução à leitura da arquitetura e da cidade contemporânea.

#### **Bibliografia básica**

ARGAN, Giulio Carlo. El arte Moderno. Valencia, Fernando Torres, 1984.  
ARTIGAS, Vilanova. Os caminhos da Arquitetura Moderna. SP, LECH,  
BAKER, Geoffrey. Análisis de la forma Urbana  
BERMAN, Marshal. Tudo que é sólido desmancha no ar. SP, Cia das Letras, 1986.  
CHING. Forma, espacio y naturaleza.  
DE MICHELI, Mario. Las vanguardias artísticas del siglo XX. Madrid, Alianza, 1994.  
LEMOZ, Carlos. O que é Arquitetura. SP, Brasiliense,  
MARICATO, Ermínia. «Arquitetura enquanto produto social» in Revista Chão. SP,  
MONTANER y otros. Textos de arquitectura de la modernidad. Madrid, Nerea, 1994.  
NIEMEYER, Oscar. A forma na Arquitetura. Rio de Janeiro. Avenir,  
PATETA, Luciano. Historia de la arquitectura. Antología crítica. Madrid, Blume, 1984  
TELES, Gilberto M.. Vanguarda européia e modernismo brasileiro. RJ, Record, 1987.  
ZEVI, Bruno. Saber Ver La Arquitectura. Barcelona, Poseidon, 1976.

- II - História da Arquitetura e do Urbanismo I** (04 créditos)  
Arquitetura e cidade na Antigüidade Clássica: Grécia e Roma. O Império Bizantino e o mundo Islâmico: sua influência na arquitetura ocidental. Arquitetura e cidade na Idade Média: Românico e Gótico. A produção arquitetônica e as formações urbanas na Idade Moderna: Renascimento e Barroco.

#### **Bibliografia básica**

BOTHAUSER, João. História da Arquitetura. Belo Horizonte, UFMG, 1966.  
HAUSER, Arnold. História Social da Arquitetura e da Arte. SP, Mestre Jou, 1978.  
HUBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem. RJ, Zahar, 1983.  
KOCH, Wilfred. Estilos de Arquitetura I e II. Lisboa, Presença, 1982.  
MOREUX, Jean Charles. História da Arquitetura. SP, Cultrix, 1983.  
SUMMERSON, John. A linguagem clássica da Arquitetura. SP, Martins Fontes, 1982.  
WOLFFLIN, Heinrich. Arte Clássica. SP, Martins Fontes, 1990.  
WOLFFLIN, Heinrich. Renascença e Barroco. SP, Perspectiva, 1983.

### **III - História da Arquitetura e do Urbanismo II** (04 créditos)

A arquitetura e a cidade segundo os ideais Neoclássicos. O Historicismo, o Romantismo e o Ecletismo. A Revolução Industrial, as transformações urbanas e os novos materiais de construção introduzidos na arquitetura. Formação e atuação profissional dos engenheiros e arquitetos. As cidades ideais e o surgimento do pensamento urbanístico. Os movimentos das vanguardas artísticas e arquitetônicas do início do século XX – o Art Nouveau e o Art Deco.

#### **Bibliografia básica**

- ARGAN, Giulio Carlo. El revival en las artes plásticas, la arquitectura, el cine y el teatro. Barcelona: Gustavo Gili, 1977.
- ARGAN, Giulio Carlo. El concepto del espacio arquitectónico: desde el barroco a nuestros días. Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.
- COLLINS. Los ideales de la arquitectura moderna; su evolución (1750 - 1950). Barcelona: Gustavo Gili, 1977.
- FUSCO, Renato de. Historia de la arquitectura contemporánea. Madri: Celeste Ediciones, 1996.
- GOITIA, Fernando Chueca. Breve história do urbanismo. Lisboa: Ed. Presença, 1989.
- HAROUËL, Jean-Louis. História do Urbanismo. Campinas: Papirus, 1990.
- KOCH, Wilfried. Dicionário dos estilos arquitetônicos. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- KRUFT, Hanno Walter. Historia de la teoria de la arquitectura. Madri: Alianza Forma, 1990.
- MUMFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PATETTA, Luciano. Historia de la Arquitectura: antologia critica. Madri: Hermann Blume, 1984.
- RUBIÓ, Ignasi de Solá-Morales. Eclecticismo y vanguardia: el caso de la arquitectura moderna en Catalunya. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.
- UPJOHN Everard, M. Et alli Historia Mundial da Arte: do barroco ao romantismo. Lisboa: Bertrand Ed., 1987. Vol. 4.
- WAISMAN, Marina. El interior de la historia. Bogotá: Escala, 1993.
- WAISMAN, Marina. La arquitectura descentrada. Bogotá: Escala, 1995.

### **IV - História da Arquitetura e do Urbanismo III** (04 créditos)

Estudo da produção e estruturação da arquitetura e da cidade moderna. Principais vertentes, matrizes e expressões da primeira metade do século XX. A emergência do urbanismo enquanto disciplina, enquanto campo reflexivo e propositivo destinado a configurar a cidade moderna. Matrizes e vertentes do racionalismo do movimento moderno, idéias que forjaram sua concepção e avanços tecnológicos e científicos que permitiram sua realização.

#### **Bibliografia básica**

- ARGAN, Giulio Carlo. El arte Moderno. Valencia, Fernando Torres, 1984.
- ARGAN, Giulio Carlo. Gropius e a Bauhaus. Lisboa, Presença, 1984.
- BENÉVOLO, Leonardo. Historia de la Arquitectura Moderna. Barcelona, Gili, 1974.
- BLASER, Werner. Mies van der Rohe. Barcelona, Gili, 1976.
- BOESIGER, Willy. Le Corbusier. Barcelona, Gili, 1977.
- DE MICHELI, Mario. Las vanguardias artísticas del siglo XX. Madrid, Alianza Editorial, 1994.
- DORFLES, Gilo. Arquitectura Moderna. Lisboa, Martins, 1986.
- FLEIG, Karl. Alvar Aalto. Barcelona, Gili, 1994.

- FRAMPTON, Kenneth. Historia crítica de la Arquitectura Moderna. Barcelona, Gili, 1987.
- GIEDION, Sigfried. Espacio, Tiempo y Arquitectura. Barcelona, Ed. Médico-Científica, 1968.
- HITCHCOCK, Henry-Russell y JOHNSON, Philip. El estilo internacional. Murcia, COAAT, 1984.
- HITCHCOCK, Henry-Russell. La arquitectura en los siglos XIX y XX. Madrid, Cátedra, 1968.
- KOPP, Anatole. Arquitectura y Urbanismo en la URSS en los años 20. Buenos Aires, Siglo XXI,
- LE CORBUSIER. Precisiones respecto a un estado de la arquitectura. Barcelona, Poseidon, 1979.
- MONTANER, HEREU y OLIVEIRAS. Textos de arquitectura de la modernidad. Madrid, Nerea, 1994.
- PEVSNER, Nicolaus. Os Pioneiros do Desenho Moderno. Lisboa, Pelicano/Ulissea, 1962.
- PEVSNER, Nicolaus. Panorama da arquitetura ocidental. SP, Martins Fontes, 1982.
- SEGRE, Roberto. Historia de la Arquitectura y del Urbanismo. Madrid, IEAL, 1985.
- TAFURI, Manfredo y DAL CO, Francesco. Arquitectura Contemporánea. Madrid, Aguilar, 1989.
- ZEVI, Bruno. Frank Lloyd Wright. Barcelona, GG, 1985.
- ZEVI, Bruno. Historia de la Arquitectura Moderna. Lisboa, Arcadia, 1970.

**V - História da Arquitetura e do Urbanismo IV** (04 créditos)

A crise da arquitetura moderna e sua crítica. As primeiras contestações ao Movimento Moderno até meados da década de sessenta. A nova ordem internacional e as novas formas de pensar o espaço urbano e a arquitetura: o contextualismo, o neoracionalismo e a arquitetura como linguagem e suas variantes. Tendências atuais da arquitetura contemporânea nacional e internacional.

**Bibliografia básica**

- ANDERSON, Perry. «Modernidade e Revolução» in Novos Estudos Cebrap (14). SP, 1986.
- ARANTES, Otília - «Arquitetura Simulada» in Novaes Aduato (org.). O Olhar. SP, Cia das Letras, 1988.
- BERMAN, Marshal. Tudo que é sólido desmancha no ar. SP, Cia das Letras, 1986.
- COELHO Neto, José Teixeira. Moderno Pós-moderno. Porto Alegre, LPM, 1985.
- FICHER, Silvia. «Anotações sobre O Pós-modernismo» in Projeto 74.
- HABERMAS, Juergen. «Arquitetura Moderna e Pós-moderna». Novos Estudos Cebrap 18. SP, 1987.
- JAMESON, F. «Pós modernidade e sociedade de Consumo» in Novos Estudos Cebrap (12). SP, 1985.
- JENCKS, Charles. El Lenguaje de la Arquitectura Posmoderna. Barcelona, GG, 1981.
- LYOTARD, Jean François. O Pós Moderno. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.
- MAHFUZ, E. C. Quem tem medo do Pós-modernismo? in Projeto 101.
- PICO, Josef. Modernidad y Post Modernidad. Madrid, Alianza, 1988.
- PIÑÓN, Hélio. Arquitectura de las Neovanguardias. Barcelona, Gili, 1984.
- ROSSI, Aldo. La arquitectura de la ciudad. Barcelona, Gili, 1971.
- SANTOS, Jair Ferreira. O que é Pós-Moderno? SP, Brasiliense, 1986.
- SUBIRATS, Eduardo. Da Vanguarda ao Pós-moderno. SP, Nobel, 1987.
- VENTURI, Roberto. Complejidad y Contradicción en la Arquitectura. Barcelona, Gili, 1974.

**VI - História da Arquitetura e do Urbanismo no Brasil I** (04 créditos)

O processo de ocupação do território brasileiro e a formação da rede de cidades. Estruturação dos espaços urbanos. As origens portuguesas e o desenvolvimento da arquitetura religiosa, civil e oficial no Brasil até o final do século XVIII. Elementos arquitetônicos e sistemas construtivos empregados na arquitetura tradicional. O século XIX e a introdução de novas concepções sobre a arquitetura e a organização dos espaços urbanos. A arquitetura e a cidade segundo os ideais neoclássicos. O Historicismo, o Ecletismo e o surgimento de novas tipologias arquitetônicas e materiais construtivos. As idéias sanitárias, as reformas urbanas e as mudanças na forma de habitar. Arquitetura do início do século XX e as buscas de novas alternativas.

**Bibliografia básica**

- AZEVEDO, Aroldo de. Vilas e cidades do Brasil colonial. São Paulo: USP /Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1956.
- BAZIN, Germain. A arquitetura religiosa barroca no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- BRESCIANI, Stella. (org.). Imagens da Cidade: séculos XIX e XX. São Paulo: ANPUH: Marco Zero: FAPESP, 1994.
- BURY, John. Arquitetura e arte no Brasil Colonial. São Paulo: Nobel, 1991.
- FABRIS, Annateresa (org). Ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo: Nobel: Edusp, 1987.
- LE MOS, Carlos. Arquitetura brasileira. São Paulo: Melhoramentos: Edusp, 1979.
- MARX, Murilo. Cidade brasileira. São Paulo: Melhoramentos: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- MELLO, Suzy de. Barroco mineiro. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- OLIVEIRA, Beatriz Santos de. Espaço e Estratégia: considerações sobre a arquitetura dos jesuítas no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio; Uberlândia: Prefeitura municipal, 1988.
- OMEGNA, Nelson. A cidade colonial. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1971.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da Arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. Notas sobre o urbanismo barroco no Brasil. São Paulo: FAUSP, 1994. (Caderno de pesquisa do LAP).
- REIS FILHO, Nestor Goulart. Algumas experiências urbanísticas do início da República 1890 - 1920. São Paulo: FAUSP, 1994. (Caderno de pesquisa do LAP).
- SANTOS, Paulo F. Quatro séculos de arquitetura. Rio de Janeiro: IAB, 1981.
- SANTOS, Paulo. Subsídios para o estudo da arquitetura religiosa em Ouro Preto. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos, 1951.
- SANTOS, Paulo F. Formação de cidades no Brasil colonial. Coimbra: V Colóquio Internacional de Estudos Luso Brasileiros, 1968.
- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SILVA, Geraldo Gomes da. Arquitetura do Ferro no Brasil. São Paulo: Nobel, 1987.

**VII - História da Arquitetura e do Urbanismo no Brasil II**(04 créditos)

A arquitetura e a cidade moderna brasileira. Ações rumo à consolidação do moderno no Brasil: 1922/36. As intervenções urbanas no início do século. A consolidação da arquitetura moderna a nível internacional. A primeira intervenção urbana moderna: Brasília. A arquitetura pós-Brasília. Tendências contemporâneas.

### **Bibliografia básica**

- ARGAN, Giulio Carlo. «Architettura Moderna in Brasile». Comunità nº 24, año VII. Milano abril 1954.
- BENÉVOLO, Leonardo. Historia de la Arquitectura Moderna. Barcelona, Taurus, 1974.
- BRACCO, Sergio. L'architettura moderna in Brasile. Milano, Cappelli, 1967.
- BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil. SP, Perspectiva, 1981. Coleção da Revista AU, Coleção da Revista Projeto e Coleção da Revista Módulo.
- COSTA, Lúcio. Lúcio Costa: Sobre Arquitetura. Porto Alegre, CEUA/UFRGS, 1962.
- DAHER, L.Carlos. Flávio de Carvalho, arquitetura e expressionismo. SP, Projeto, 1982.
- DORFLES, Gilo. Arquitetura Moderna. Lisboa, Martins, 1986.
- FERRAZ, Geraldo. Warchavchik e a Introdução da Nova Arquitetura no Brasil: 1925/1940. SP, MASP, 1965.
- FERRAZ, Marcelo (org). Lina Bo Bardi. SP, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1993.
- FICHER, Silvia e ACAYABA, Marlene. Arquitetura Moderna Brasileira. SP, Projeto, 1982.
- FRAMPTON, Kenneth. Historia crítica de la Arquitectura Moderna. Barcelona, Gili, 1987.
- GIEDION, S. e FRANC, K. Affonso Reidy, works and projects. NY, Reinhold, 1956.
- GOODWIN, Philip. Brazil Builds, architecture new and old 1652-1942. NY, The Museum of Modern Art, 1943.
- GROPIUS e otros. «Report on Brazil». Architectural Review, vol 116, out 1954.
- HITCHCOCK, Henry-Russell. La arquitectura en los siglos XIX y XX. Madrid, Cátedra, 1968.
- HITCHCOCK, Henry-Russell. Latin American Architecture since 1945. Nova York, The Museum of Modern Art, 1955.
- LEMOS, Carlos. «Arquitetura Contemporânea». Historia Geral da Arte no Brasil (ZANINI). SP, W.M. Salles, 1983.
- LEMOS, Carlos. Arquitetura Brasileira. SP, Melhoramentos, 1979.
- MINDLIN, H. E. Modern Architecture in Brazil. NY, Reinhold, 1956.
- PEVNER, Nicolaus. Panorama da arquitetura ocidental. SP, Martins Fontes, 1982.
- REIDY, Affonso E. Affonso Eduardo Reidy. RJ, Solar Grand Jean de Montigny-PUC, 1985.
- TAFURI, Manfredo e DAL CO, Francesco. Arquitectura Contemporânea. Madrid, Aguilar, 1989.

## **VIII - Análise do Espaço Urbano**

(04 créditos)

Evolução histórica da estrutura física e funcional das cidades. Abordagens teóricas sobre a estrutura interna das cidades. Morfologia urbana. Condicionantes físico-ambientais, técnicas, econômicas, sociais e culturais da forma urbana. A estrutura e o funcionamento da cidade contemporânea. Elementos "pós-modernos" na estrutura urbana contemporânea. Discussões sobre a construção coletiva do espaço urbano. Princípios de sustentabilidade urbana.

### **Bibliografia básica**

- CLARKE, David. Introdução à Geografia Urbana. Editora Difel
- DEL RIO, Vicente. Desenho Urbano. Editora PINI.
- GARCIA-LAMAS, J. M. Morfologia Urbana. Editorial Presença.
- HARVEY, David. A condição pós-moderna. Editora Loyola.
- HARVEY, David. Justiça Social e Urbanismo. Editora Loyola.
- MAUSBACH, Harris. Urbanismo Contemporâneo. Editorial Presença.
- PRINZ, Dieter. Projeto Urbano. Editorial Presença.

- IX - Intervenção em Sítios Históricos (Téc. Retrospec.)** (04 créditos)  
Conceitos e fundamentos teóricos relativos à preservação e à restauração do patrimônio histórico cultural. A história do restauro. Os documentos que disciplinam a preservação do patrimônio. A preservação do patrimônio no Brasil e sua legislação. A postura do arquiteto perante uma intervenção sobre o patrimônio histórico cultural. Metodologia de documentação e de projeto em restauração. Tendências contemporâneas da preservação e restauração de monumentos e sítios históricos.

#### **Bibliografia básica**

- AYUNTAMIENTO DE MADRID. Recuperar Madrid. Madrid: Oficina Municipal del Plan, 1982.
- AZEVEDO, Paulo Ormino de. A Alfândega e o mercado: memória e restauração. Salvador: Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia, 1985.
- BORRERO, Alfonso. Preservación y Restauración de Monumentos Arquitectónicos. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 1973.
- CARBONARA, Giovanni. Restauro dei monumenti: guida agli elaborati grafici. Roma: Università degli studi di Roma, 1985.
- CIARDINI, F. & FALINI, P. Los centros históricos: política urbanística y programas de actuación. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.
- FUNDARPE. Conservação e restauração de monumentos históricos. Recife: SEPLAN-PR: IPHAN: FUNDARPE, sd.
- HENRIQUES, Fernando M. A. Umidade em paredes. São Paulo: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1994.
- IBPC. Ideólogos do Patrimônio. Caderno de Debates no. 1. Rio de Janeiro: Secretaria da Cultura / PR: IBPC, 1991.
- LACERDA, Ana Maria de. Umidade ascendente em alvenarias tradicionais. Salvador: UFBA/Mestrado de arquitetura e Urbanismo, 1988. Dissertação de Mestrado.
- LEAL, Fernando Machado. Restauração e conservação de monumentos brasileiros. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1977.
- MASSARI, Giovanni e MASSARI, Ippolito. Risanamento igienico dei locali umidi. Milão: Ed. Ulrico Hoepli, 1981.
- MASSARI, Giovanni. Desecacion higienica de los locales humedos. México: Compañia Editorial Continental, sd.
- MEC SPHAN Pró-Memória. Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória. Brasília: MEC SPHAN Pró-Memória, 1980.
- MILET, Vera. A teimosia das pedras: um estudo sobre a preservação do patrimônio ambiental no Brasil. Olinda: Prefeitura de Olinda, 1988.
- OLMOS, Carlos Chanfon. Fundamentos Teóricos de la Restauración. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1988.
- RIZZO, Giulio G. A questão dos centros históricos: conceitos e problemas na Itália. Salvador: Faculdade de Arquitetura/UFBA, 1981.
- SANT'ANNA, Márcia. Da cidade-monumento à cidade-documento: a trajetória da norma de preservação de áreas urbanas no Brasil (1937-1990). Salvador: Mestrado de Arquitetura e Urbanismo / UFBA, 1995.
- SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.
- TORRACA, Giorgio. Porous building materials: materials science for architectural conservation. Roma: ICCROM, 1982.
- UNISINOS. Patrimônio Cultural: documentos internacionais e nacionais sobre preservação dos bens culturais. São Leopoldo: UNISINOS, sd.

- X - Noções de Planejamento Urbano e Regional** (04 créditos)  
Estudo das condições de caracterização de uma região e conformação de espaços regionais. Noções sobre tamanho e importância relativa das cidades. Demografia. Crescimento e êxodo populacional. Constituição de regiões. Relacionamento cidade – campo. Estudo da realidade regional.

**Bibliografia básica**

ANDRADE, Manoel Correa. O processo de ocupação regional no Nordeste. Recife, Sudene,  
BONDUKI, Nabil.  
DANCAZEDIER, Lazer.  
FAISSOL, Esperidião. Urbanização e Regionalização. RJ, IBGE,  
FERRARI, Celson. Curso de Planejamento Municipal Integrado. SP, Pioneira, 1979.  
GONÇALVES, M. F. (org.) O Novo Brasil Urbano. SP, Nobel, 1993.  
MARICATO, Herminia.  
MC HARG, Ian. Design with nature  
MELO, J. C. Transporte.  
MOTA, Antonio. Meio Ambiente  
OLIVEIRA, Francisco. Elegia para uma Re(li)gião. Petrópolis, Vozes,  
PUPPI. Saneamento  
RATTNER, Henrique. Planejamento Urbano e Regional. SP, Cia Editora Nacional,  
RERTOFT, H. Meio Ambiente.  
RIBEIRO, L. C. & Santos Jr, Orlando. Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana. RJ, Civilização Brasileira, 1994.  
SANTOS, Milton. A urbanização brasileira  
SCHMIDT, Benício. O Estado e a Política Urbana no Brasil. Porto Alegre, LP&M,  
SINGER, Paul.

- XI - Deontologia e Prática Profissional** (02 créditos)  
Regulamentação da profissão: legislação e normas. Relação do profissional com a sociedade, com o cliente, com profissionais de outras áreas, com instituições governamentais, entidades representativas da profissão e da sociedade. Postura ético-profissional.

**Bibliografia básica**

SVENSSON, Frank (1991), Arquitetura. Criação e Necessidade. Brasília, EDUNB.  
Boletim IAB/APA-PB. Os arquitetos e a ocupação da orla marítima de João Pessoa, nº 3, nov. 1984.  
LEIS DE REFERÊNCIA  
Leis, Decretos e Resoluções do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia – CONFEA.  
Código de Ética Profissional - Resolução 205/71 – CONFEA  
Licitações e Contratos Administrativos da Administração Pública – Lei 8.666/93  
Normas Técnicas da ABNT para elaboração de projetos de edificações. Atividades Técnicas  
Normas Técnicas da ABNT para elaboração de projetos de edificações. Arquitetura  
Nova Lei Brasileira de Direitos Autorais – Lei 9.610/98  
Código de Defesa do Consumidor – Lei 8.078/90  
Declaração Universal dos Direitos Humanos – ONU - 1948  
Constituição da República Federativa do Brasil. (1988), São Paulo, Imprensa Oficial do Estado S.A.  
Constituição do Estado da Paraíba (1989), João Pessoa, Grafset.  
Lei Orgânica do Município  
Plano Diretor da cidade de João Pessoa – Lei Complementar Nº 03/92

**XII - Metodologia Científica** (04 créditos)

Epistemologia. O ato de estudar. Planejamento e organização do trabalho acadêmico. Técnicas de fichamento. Normas de referências bibliográficas. Métodos e técnicas de pesquisa. Elaboração de projetos de pesquisa, de relatórios e de monografias.

**Bibliografia básica**

- DUARTE, Emeide N., NEVES, Dulce Amélia de B., SANTOS, Bernadete de L. O. Manual técnico para elaboração de trabalhos monográficos. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 1993. 80p.
- FERRARI, Alfonso Trujillo. Metodologia da pesquisa científica. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982. 318p.
- GOMES, Geraldo. O Nordeste em pesquisa. Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados Ltda., n. 89, pp.77-81, julho / 1986.
- LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de A., Técnicas de pesquisa. 2ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- PERES, José Augusto. A elaboração de um projeto de pesquisa. 3ed. João Pessoa: Micrográfica, 1989. 79p.
- \_\_\_\_\_. Como se faz um relatório. João Pessoa: Micrográfica.

**XIII - Trabalho Final de Graduação I** (04 créditos)

Desenvolvimento do projeto de pesquisa: revisão da literatura, levantamento de dados preliminares, fundamentação da pesquisa. Planejamento da monografia de conclusão do curso.

**Bibliografia básica**

- DUARTE, Emeide N., NEVES, Dulce Amélia de B., SANTOS, Bernadete de L. O. Manual técnico para elaboração de trabalhos monográficos. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 1993. 80p.
- FERRARI, Alfonso Trujillo. Metodologia da pesquisa científica. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982. 318p.
- GOMES, Geraldo. O Nordeste em pesquisa. Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados Ltda., n. 89, pp.77-81, julho / 1986.
- LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de A. Técnicas de pesquisa. 2ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- PERES, José Augusto. A elaboração de um projeto de pesquisa. 3ed. João Pessoa: Micrográfica, 1989. 79p.
- \_\_\_\_\_. Como se faz um relatório. João Pessoa: Micrográfica.

**XIV - Trabalho Final de Graduação II** (10 créditos)

Desenvolvimento de trabalho prático com base em proposta de trabalho apresentada pelo aluno, envolvendo a manipulação do conjunto de conhecimentos adquiridos durante a realização do curso.

**Bibliografia básica**

- DUARTE, Emeide N., NEVES, Dulce Amélia de B., SANTOS, Bernadete de L. O. Manual técnico para elaboração de trabalhos monográficos. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 1993. 80p.
- FERRARI, Alfonso Trujillo. Metodologia da pesquisa científica. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982. 318p.

- GOMES, Geraldo. O Nordeste em pesquisa. Projeto. São Paulo: Projeto Editores Associados Ltda., n. 89, pp.77-81, julho / 1986.
- LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de A. Técnicas de pesquisa. 2ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- PERES, José Augusto. A elaboração de um projeto de pesquisa. 3ed. João Pessoa: Micrográfica, 1989. 79p.
- \_\_\_\_\_. Como se faz um relatório. João Pessoa: Micrográfica.

## 2. EIXO PROJETO E REPRESENTAÇÃO

### I - **Noções de arquitetura e Urbanismo** (04 créditos)

Leitura da cidade e do edifício. Tipologia da Arquitetura e das estruturas urbanas. Paisagem natural e construída. Relações da arquitetura com o meio ambiente e com a cultura.

#### **Bibliografia básica**

- CHOAY, Françoise. O urbanismo. Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 1979.
- HAROUËL, Jean Louis. História do urbanismo. Papirus Editora. Campinas, 1988.
- LE CORBUSIER. A carta de Atenas; Tradução Rebeca Scherer. Ed. Hucitec/Edusp. São Paulo, 1989.
- LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo, 1988.
- MOHOLY-NAGY, Sibyl. Urbanismo y sociedad. Editorial Blume. Barcelona, 1970.

### II - **Introdução ao Projeto de Arquitetura e Urbanismo** (04 créditos)

Conceito e definições de arquitetura desde a escala do edifício até a da cidade. Fatores que condicionam a arquitetura em suas diversas escalas. Metodologia de projeto de arquitetura e de urbanismo. Arquitetura como documento histórico e produto social. Técnicas de expressão e de representação da arquitetura. A profissão do arquiteto: campo de atuação e interface com outras profissões.

#### **Bibliografia básica**

- SILVA, Elvan. Introdução ao Projeto Arquitetônico. Porto Alegre, LP&M,
- COMAS, Carlos E. Projeto Arquitetônico, Disciplina em Crise, Disciplina em Renovação. Editora Projeto, São Paulo. 1986.
- DEL RIO, VICENTE. Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento. Editora PINI, São Paulo. 1990.

### III - **Projeto de Edificações I** (06 créditos)

Projeto de edificações de programas simples; aspectos técnico-construtivos. Interações entre tipologia, forma e função. Adequação antropométrica dos espaços e acessibilidade. Implicações com a legislação de uso e ocupação do solo.

#### **Bibliografia básica**

- NEUFERT, Ernest. A Arte de projetar em Arquitetura. São Paulo. Editora Gustavo Gili do Brasil, 1976.
- PRONK, Emile. Dimensionamento em Arquitetura. João Pessoa, Editora Universitária- UFPB, 1991.
- HOLANDA, Armando. Roteiro para construir no Nordeste. Recife, UFPE, 1976.

Coletânea da Legislação urbanística do município de João Pessoa. PMJP/SUDENE. 1983 do Uso do Solo da Prefeitura Municipal de João Pessoa.  
Revista Projeto e Design. São Paulo, Arco editora.  
Revista AU - Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, Editora PINI.

**IV - Projeto de Edificações II** (06 créditos)  
Projeto de edificações de programas simples; exploração do repertório arquitetônico. Implicações entre arquitetura e clima

**Bibliografia básica**

NEUFERT, Ernest. A Arte de projetar em Arquitetura. São Paulo. Editora Gustavo Gili do Brasil, 1976.  
PRONK, Emile. Dimensionamento em Arquitetura. João Pessoa, Editora Universitária- UFPB, 1991.  
HOLANDA, Armando. Roteiro para construir no Nordeste. Recife, UFPE, 1976.  
Coletânea da Legislação urbanística do município de João Pessoa. PMJP/SUDENE. 1983 do Uso do Solo da Prefeitura Municipal de João Pessoa.  
Revista Projeto e Design. São Paulo, Arco editora.  
Revista AU - Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, Editora PINI.

**V - Projeto de Edificações III** (06 créditos)  
Restauração e adaptação de edifícios antigos e/ou de valor histórico a novos usos. Inserção de novas edificações em áreas de interesse histórico.

**Bibliografia básica**

NEUFERT, Ernest. A Arte de projetar em Arquitetura. São Paulo. Editora Gustavo Gili do Brasil, 1976.  
PRONK, Emile. Dimensionamento em Arquitetura. João Pessoa, Editora Universitária- UFPB, 1991.  
HOLANDA, Armando. Roteiro para construir no Nordeste. Recife, UFPE, 1976.  
Coletânea da Legislação urbanística do município de João Pessoa. PMJP/SUDENE. 1983 do Uso do Solo da Prefeitura Municipal de João Pessoa.  
Revista Projeto e Design. São Paulo, Arco editora.  
Revista AU - Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, Editora PINI.

**VI - Projeto de Edificações IV** (06 créditos)  
Projeto de edificações de programas complexos. Organização e racionalização dos espaços; influências no conforto térmico, acústico e lumínico. Uso de sistemas construtivos e estruturais avançados. Implicações com as instalações prediais convencionais e especiais e com as normas de segurança contra incêndio.

**Bibliografia básica**

NEUFERT, Ernest. A Arte de projetar em Arquitetura. São Paulo. Editora Gustavo Gili do Brasil, 1976.  
PRONK, Emile. Dimensionamento em Arquitetura. João Pessoa, Editora Universitária- UFPB, 1991.  
HOLANDA, Armando. Roteiro para construir no Nordeste. Recife, UFPE, 1976.  
Coletânea da Legislação urbanística do município de João Pessoa. PMJP/SUDENE. 1983 do Uso do Solo da Prefeitura Municipal de João Pessoa.  
Revista Projeto e Design. São Paulo, Arco editora.  
Revista AU - Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, Editora PINI.

- VII - Projeto de Edificações V** (06 créditos)  
Projeto de edificações de habitação coletiva: organização e racionalização dos espaços internos. Racionalização da construção. Eficiência econômica. Implicações de fatores socio-culturais. Detalhamento para a execução.

**Bibliografia básica**

NEUFERT, Ernest. A Arte de projetar em Arquitetura. São Paulo. Editora Gustavo Gili do Brasil, 1976.  
PRONK, Emile. Dimensionamento em Arquitetura. João Pessoa, Editora Universitária-UFPB, 1991.  
HOLANDA, Armando. Roteiro para construir no Nordeste. Recife, UFPE, 1976.  
Coletânea da Legislação urbanística do município de João Pessoa. PMJP/SUDENE. 1983 do Uso do Solo da Prefeitura Municipal de João Pessoa.  
Revista Projeto e Design. São Paulo, Arco editora.  
Revista AU - Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, Editora PINI.

- VIII- Desenho Urbano I** (04 créditos)  
Agenciamento do entorno imediato de edificações. Organização do fluxo de veículos e pedestres. Definição de acessos, estacionamentos, espaços de manobra e de carga e descarga.

**Bibliografia básica**

CORREA, Antonio Bonet. Las classes del urbanismo; como identificarlo. Editorial Ariel S.A. Barcelona, 1989.  
NEUFERT, Ernest. A Arte de projetar em Arquitetura. São Paulo. Editora Gustavo Gili do Brasil, 1976.  
SANTOS, Carlos Nelson F. Acidade como um jogo de cartas. EDUFF/Projeto, São Paulo. 1988.

- IX - Desenho Urbano II (paisagismo)** (06 créditos)  
Projeto de paisagismo: a cidade como ecossistema. Condicionantes fisiográficos do desenho urbano. Processos naturais dinâmicos e adequabilidade do projeto urbano. Topologia, geomorfologia e representação cartográfica. Estruturas ambientais urbanas. Sistemas de áreas livres e verdes. Aspectos culturais da forma urbana. A estrutura da paisagem urbana: áreas naturais; sítios históricos e tradicionais.

**Bibliografia básica**

ALBERTI, Marina. La città sostenibile  
DEL RIO, Vicente. Desenho Urbano  
DOUGLAS, Ian. Urban Environment  
GREY & DENEKE. Urban Forestry  
MC HARG, Ian. Design with nature  
MOTA, S. Planejamento Urbano e preservação Ambiental  
RAPPOPORT, Amos. Aspectos Humanos da Forma Urbana

- X - Desenho Urbano III** (06 créditos)  
Intervenção em áreas de interesse histórico. Métodos de leitura e apreensão do espaço. Restauração e revitalização de espaços de valor histórico; reestruturação e adaptação a novas demandas.

### **Bibliografia básica**

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo. 1988.

MUNFORD, Lewis. A cidade na história. Livraria Martins Fontes/UnB, São Paulo. 1982.

ROSI, Aldo. La arquitectura de la ciudad. Editorial Gustavo Gili, Barcelona. 1982.

## **XI - Desenho Urbano IV** (06 créditos)

Projeto de parcelamento do solo. Definição de sistemas viários e de circulação. Modificação do relevo; aerofotogrametria e foto-interpretção. Projetos habitacionais na escala do bairro: definição urbanística das unidades habitacionais e equipamentos comunitários.

### **Bibliografia básica**

HOLSTON, James. A cidade modernista – uma crítica de Brasília e sua utopia. Editora Cia. das Letras, São Paulo. 1993.

LAMAS. J. M. R. G. Morfologia urbana e desenho da cidade. Fundação Calouste Gulberian, Lisboa. 1993.

PRINZ, D.. Urbanismo I – Projeto urbano. Editora Presença, Lisboa. 1993

## **XII - Desenho Urbano V** (06 créditos)

Projeto detalhado de mobiliário e de equipamentos urbanos. Infra-estrutura urbana: paisagismo, iluminação pública e sinalização. Requisitos de eficiência econômica e influência de fatores socio-culturais.

### **Bibliografia básica**

FERRARI, Celson. Curso de planejamento municipal integrado. Livraria Pioneira Editora, São Paulo. 1982.

LAMAS. J. M. R. G.. Morfologia urbana e desenho da cidade. Fundação Calouste Gulbekian, Lisboa. 1993.

MARIN, J. A. A. et al. Urban Architectura. Ediciones Atrium, Barcelona. 1991.

MASCARÓ, Juan Luis. Custos de urbanização. Editora UFRS, Porto Alegre. 1978.

## **XIII- Oficina de Plástica I** (06 créditos)

Estudo da forma através da criação de sólidos. Exploração da expressividade plástica dos materiais. Técnicas de composição plástica. Análise dos sólidos a partir dos elementos da composição. Associação de forma e técnica.

### **Bibliografia básica**

ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção: Uma Psicologia da Visão Criadora. SP, Pioneira, BRAZ, Mário. Literatura e Artes Visuais. Ed. da Universidade de São Paulo/Cultrix, 1992.

FABRIS, Gemani. Fundamentos del Projeto Gráfico. Ed.Dom Bosco. Barcelona, 1973.

KANDINSKI, W. Punto, Linea y Plano: contribución al análisis de los elementos pictóricos. Seix Barral, Barcelona.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Temas e Técnicas em Artes Plásticas. Ed. ECE, São Paulo, 1979.

MUNARI, Bruno. Design e Comunicação Visual. Ed. Martins Fontes.

MUNARI, Bruno. Fantasia: Inversão, Criatividade e Imaginação na Comunicação Visual. Martins Fontes, 1981.

OSTROWER, Faya. Universos da Arte. Editora Campus.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processo de Criação*. Ed. Vozes.  
PENTEADO, Onofre. "Desenho Estrutural" – Ed. Perspectiva.

**XIV - Oficina de Plástica II** (06 créditos)

Estudo das relações entre forma, espaço e funções. Estudo das relações entre forma, material e tecnologia. Apreensão da escala humana. Técnicas de maquetaria.

**Bibliografia básica**

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e Percepção: Uma Psicologia da Visão Criadora*. SP, Pioneira, 1992.  
BRAZ, Mário. *Literatura e Artes Visuais*. Ed. da Universidade de São Paulo/Cultrix, 1992.  
FABRIS, Gemani. *Fundamentos del Projeto Gráfico*. Ed.Dom Bosco. Barcelona, 1973.  
KANDINSKI, W. *Punto, Linea y Plano: contribución al análisis de los elementos pictóricos*. Seix Barral, Barcelona.  
MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. *Temas e Técnicas em Artes Plásticas*. Ed. ECE, São Paulo, 1979.  
MUNARI, Bruno. *Design e Comunicação Visual*. Ed. Martins Fontes.  
MUNARI, Bruno. *Fantasia: Inversão, Criatividade e Imaginação na Comunicação Visual*. Martins Fontes, 1981.  
OSTROWER, Faya. "Universos da Arte". Editora Campos.  
OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processo de Criação*. Ed. Vozes.  
PENTEADO, Onofre. "Desenho Estrutural" – Ed. Perspectiva.

**XV - Oficina de Desenho I** (06 créditos)

Desenho a mão livre. Desenho de Observação: noções de proporção, volume e profundidade. Técnicas de composição gráfica. Técnicas de representação gráfica com materiais secos. Introdução ao estudo da cor.

**Bibliografia básica**

AMESON, Kenneth. *Desenhar*. Editora Presença, Lisboa, 1982.  
BROSKI, Jacob. *Arte e conhecimento – ver, imaginar, criar*. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1983.  
MASSIRONI, Manfredo. *Ver pelo desenho*. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1982.  
MOTA, Edson e SALGADO, M. Luiza. *Iniciação à pintura*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1976.  
MUNARI, Bruno. *Fantasia, invenção, criatividade e imaginação na comunicação visual*. Editora Presença, Lisboa, 1981.  
OSTROWER, Faiga. *Criatividade e processos de criação*. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1982.  
WONG, Wucius. *Princípios de forma e desenho*. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1998.

**XVI - Oficina de Desenho II** (06 créditos)

A representação do objeto arquitetônico como instrumento de comunicação. Técnicas de representação gráfica com materiais úmidos. Teoria da cor. Técnicas mistas.

**Bibliografia básica**

CHING, Francis D. K. *Arquitetura. Forma, Espaço e Ordem*. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 1998.  
DOYLE, Michael. *Color Drawing*. Ed. Van Nostrand Reinhold. N.York, 1993.  
NEUTELINGS, W. J. et all. *D'Arquitectura i Urbanisme*, caderno nº 220, Arktec SA, Barcelona, 1998.

WONG, Wucuis. Princípios de Forma e Desenho. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 1998.

**XVII - Introdução ao Desenho** (04 créditos)

O uso dos materiais e dos instrumentos de desenho. Noções de escala. Construções fundamentais do desenho geométrico. Método das projeções cotadas. Desenho topográfico: planimetria; altimetria; Cortes.

**Bibliografia básica**

CARVALHO, Benjamim de A. Desenho Geométrico.  
GIONGO, Affonso Rocha. Curso de Desenho Geométrico.  
RANGEL, Alcyr Pinheiro. Projeções Cotadas. Ed. Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro. 1963.

**XVIII- Desenho de Arquitetura** (06 créditos)

Escalas gráficas. Desenho do edifício: planta baixa; cortes; fachadas; planta de locação e coberta; planta de situação.

**Bibliografia básica**

MONTENEGRO, Gildo A. Desenho Arquitetônico.  
NBR 6492. Representação de Projetos de Arquitetura. ABNT. Rio de Janeiro. 1994.  
PRONK, Emile. Dimensionamento em Arquitetura.

**XIX - Geometria Descritiva** (04 créditos)

Método de Monge: representação do ponto, da reta e das superfícies. Estudo dos sólidos: representação, desenvolvimento e interseção. Estudo da sombra projetada.

**Bibliografia básica**

FONSÊCA, Ana Angélica Sampaio e ect al. Superfícies. UFBA. Salvador: Quarteto Editora, 1999.  
FONSÊCA, Ana Angélica Sampaio e outros (Organizadores) – Geometria Descritiva: Noções Básicas. UFBA. Salvador: Quarteto Editora, 1999.  
MACHADO, Ardevam. Geometria Descritiva. São Paulo: Projeto Editores Associados Ltda. 1986.  
MONTENEGRO, Gildo. A Perspectiva dos Profissionais. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 1991.  
PRÍNCIPE JR, Alfredo dos Reis. Noções de Geometria Descritiva, Vol 1 e 2. São Paulo: Nobel, 1972.  
RODRIGUES, Álvaro J. Geometria Descritiva: Operações Fundamentais e Poliedros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1964.

**XX- Perspectiva** (06 créditos)

Estudo das projeções cilíndricas: perspectivas axonométrica, militar e cavaleira. Estudo das projeções cônicas: perspectivas com um, dois e três pontos de fuga. Perspectiva de sombras. Perspectivas com o auxílio do computador.

**Bibliografia básica**

CORDEIRO, Aristóteles L. M. Modelagem de sólidos 3d no AutoCAD R14. Conceitos Básicos. Apostila, João Pessoa, 1999.  
CORDEIRO, Aristóteles L. M. – O menu Modela 3D. Apostila, João Pessoa, 1999.  
CORDEIRO, Aristóteles L. M. – UCS. Conceitos Básicos. Apostila, João Pessoa, 1999.

MONTENEGRO, Gildo – A perspectiva dos profissionais. Editora Edgar Blucher Ltda. São Paulo, 1983.  
OMURA, George – Mastering AutoCAD R14. Sybex, San Francisco, 1998.  
SCHAARWACHTER, Geor – Perspectiva para arquitectos. Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1976.

#### **4. EIXO TECNOLOGIA DA ARQUITETURA E DO URBANISMO**

- I - Sistemas Estruturais I** (04 créditos)  
Conceito de estrutura e de sistema. Estruturas naturais. Antecedentes históricos da concepção estrutural: observação da natureza, intuição, invenção, experimentação e sistematização. Variáveis físicas do funcionamento das estruturas: materiais, esforços, tensões e deformações. Fundamentos da resistência dos materiais. Introdução à geometria das massas. Conhecimento dos fenômenos estruturais, através da análise qualitativa das estruturas. Requisitos fundamentais das estruturas. Classificação e caracterização dos sistemas estruturais correntes. A inserção das estruturas no espaço funcional: harmonia e conflito. A interação da forma estrutural com a forma plástica.

##### **Bibliografia básica**

DALZEL, W. R. Arquitetura. Editora Melhoramentos. São Paulo  
ENGEL, Eino - Sistemas de Estruturas. Editora Hemus.  
FONSECA, Adhemar. Estática das Construções  
HELLER, Salvadori. Estructuras para Arquitectos. Editora La Isla. Buenos Aires  
PETRUCCI, Eládio. Materiais de Construção  
ROCHA A. M. da. Resistência dos Materiais  
ROSENTHAL, H. Werner. La Estructura. Editorial Blume. Barcelona

- VII - Ergonomia** (02 créditos)  
Conceito do sistema homem-máquina. Antropometria: equipamentos e mobiliário. Fatores ambientais: iluminação e cores, clima, sons, ruídos e vibrações. Facilidades para portadores de deficiência física e acessibilidade.

##### **Bibliografia básica**

IIDA, Itiro - Ergonomia, projetos e produção - Editora Edgard Blucher Ltda., São Paulo, 1990.  
PANERO, Julius; ZELINK, Martin - Las dimensiones humanas e los espacios interiores - Ediciones Gustavo Gili S.A. , México, 1987  
PIRES, Carmem Raquel; CRUZ, Jorge - Introdução à Ergonomia para Arquitetura, mimeo, Departamento de Engenharia da Produção, UFPB, João Pessoa/PB, 1993.

- III - Conforto Ambiental I** (06 créditos)  
Homeotermia, psicrometria e higrotermia. Aspectos climáticos locais: elementos de clima, medições e interpretação de dados climáticos. O sol como fonte de energia: radiação, geometria solar, proteções solares; condições de insolação no planejamento consciente de

energia. Clima urbano: ações do vento no espaço urbano, o vento como dimensão influente no planejamento urbano; padrões de escoamento associados a padrões de ocupação do solo. Ventilação: técnicas e cálculo de aberturas. Iluminação natural: técnicas e dimensionamento de aberturas.

#### **Bibliografia básica**

- BLAIR, T. A. Meteorologia. Ao Livro Técnico S. A., Rio de Janeiro. 1964.  
IZARD, J. L., GUYOT, A. Arquitectura bioclimática México G. Gili S. A. 1983.  
KÖNIGSBERGER, O. H. et al. Viviendas y edificios en zonas cálidas y tropicales. Madrid, Paraninfo. 1977.  
LIPPSMEIER, G. Tropenbau - Buildings in the tropics. München, Callwey Verlag. 1980.  
MASCARÓ, L. R. Energia na edificação: estratégias para minimizar seu consumo. São Paulo, Projeto. 1985.  
MASCARÓ, L. R. Luz, clima e Arquitetura. São Paulo, Nobel. 1983  
ROMERO, M. A. B. Princípios bioclimáticos para o desenho urbano. São Paulo: Projeto Editores Associados Ltda, 1988.  
SILVA, F. A. G. Conforto ambiental; iluminação de interiores. João Pessoa, A União. 1992.  
VAN STRAATEN. Thermal performance of buildings. London, Elsevier, 1967.

### **I - Tecnologia das Construções I** (04 créditos)

História da tecnologia da arquitetura e do urbanismo. Evolução dos sistemas e técnicas de construção. Relações entre cultura e tecnologia de construção. Condicionantes ecológicos e sociais. Materiais de construção: propriedades mecânicas dos materiais de uso corrente, materiais alternativos. Fundações, alvenarias, coberturas, revestimentos, esquadrias, vidros e pinturas. Especificações.

#### **Bibliografia básica**

- ABNT. Normas técnicas.  
ASSED, José A. e ASSED, Paulo C. Construção Civil – metodologia construtiva. Ed. Livros Técnicos e Científicos Ltda., Rio de Janeiro. 1989.  
AZEREDO, Hélio A. O edifício até a cobertura. Ed. Edgar Blücher, São Paulo. 1989.  
AZEREDO, Hélio A. O edifício e seu acabamento. Ed. Edgar Blücher, São Paulo. 1989.  
BAUER, Falcão. Materiais de Construção. Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro.  
CARDÃO, Celso. Prática das pequenas construções- 2 vols.  
L'HERMITE, Robert. Ao pé do muro. SENAI, Brasília.  
PETRIGNANI, A. Tecnología de la Arquitectura. Ed. Gustavo Gili. Barcelona.  
PETRUCIO, Eládio. Materiais de Construção. Editora Edgar Blücher.  
PIANCA, João Baptista. Manual do construtor. Ed. Globo, Porto Alegre. 1967  
RIPPER, Ernesto. Como evitar erros na construção. Ed. PINI, São Paulo. 1986.  
TERZAGHI, Karl e PECK, Ralph. Mecânica dos solos na prática da engenharia. Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro.  
TECNOLOGIA DE EDIFICAÇÕES. Ed. PINI/IPT, São Paulo, 1988

### **V - Sistemas Estruturais II** (06 créditos)

Pilares e tirantes. Estruturas reticuladas. Estudo das vigas: vigas bi-apoiadas, contínuas, em balanço. Tensões e deformações: momento fletor, força cortante, flechas. Estudo das lajes: lajes maciças, pré-moldadas, nervuradas. Pórticos simples. Lançamento estrutural em

edificações: critérios de definição do sistema estrutural, pré-dimensionamento, viabilidade técnica e econômica.

#### **Bibliografia básica**

ABNT – Normas Técnicas

BOTELHO, M. H. Campos. Concreto armado, eu te amo. Editora Edgar Blücher, São Paulo. 1983.

ENGEL, Eino - Sistemas de Estruturas. Editora Hemus.

Fusco, Péricles B. Fundamentos do projeto estrutural. McGraw-Hill, São Paulo.

NASH, William. Resistência dos Materiais. Ed. Ao Livro Técnico

SALVADORI, Mario. Estructuras Para Arquitectos. Ed. La Isla. Buenos Aires.

TORROJA, E. Razón y Ser de los Tipos Estructurales.

VASCONCELOS, Augusto Carlos. Estruturas Arquitetônicas: apreciação intuitiva das formas estruturais. Studio Nobel. São Paulo, 1991.

### **VI - Conforto Ambiental II** (04 créditos)

Iluminação artificial: natureza da luz, fontes de luz, exigências de conforto lumínico. Luminotécnica: materiais e cálculo. Conservação de energia. Acústica física: natureza do som, fontes sonoras, exigências de conforto acústico. Fenomenologia do espaço acústico: reverberação, transmissão, ressonância, difração. Acústica arquitetônica: exigências geométricas do espaço acústico, materiais e técnicas para o controle e condicionamento acústico de ambientes. Ruídos: fontes, materiais e técnicas de controle. Noções de acústica urbana.

#### **Bibliografia básica**

SILVA, Francisco de A. G. da - Conforto Ambiental; Iluminação de Interiores.

ABNT / NBR 5413 - Iluminação de Interiores.

PHILIPS DO BRASIL - Manual de Iluminação Interna.

PROCEL / ABILUX - Uso Racional de Energia Elétrica em Edificações: Iluminação.

MARCO, Conrado Silva de - Elementos de Acústica Arquitetônica.

SAVIOLI, Carlos U. - Introduccion a la Acustica.

SILVA, Pérides - Acústica Arquitetônica.

NIILUS, Malle R. V. - Aislacion acustica en la vivienda

IPT - Tecnologia de Edificações

### **IV - Tecnologia das Construções II** (04 créditos)

Técnicas e conhecimentos específicos: Instalações elétricas: luz e força. Instalações para comunicações: telefones, antenas coletivas, TV a cabo, computadores. Higiene e saneamento: controle de poluição. Instalações hidráulicas: água, esgoto, águas pluviais, incêndio. Instalações especiais: ar condicionado, transporte vertical, gás. Orçamentos, licitações e contratos. Canteiros de obras. Industrialização da construção.

#### **Bibliografia básica**

ARCHIBALD, Joseph Macintire. Instalações hidráulicas prediais. Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro. 1962.

ABNT – Normas Técnicas.

FELLEMBERG, G.. Introdução aos problemas da poluição ambiental. EPU/EDUSP, São Paulo. 1980.

MDV/SEMA Política Nacional do Meio Ambiente. Brasília, 1986.

ALVES, José Dáfico. Manual de Tecnologia do Concreto.  
SAMPAIO, Fernando Morethson. Orçamento, e custo de construção. Ed. Hemus, São Paulo.  
ASSED, José A. e ASSED, Paulo C..Constução Civil – metodologia construtiva. Ed. Livros Técnicos e Científicos Ltda., Rio de Janeiro. 1989.  
TECNOLOGIA DE EDIFICAÇÕES. Ed. PINI/IPT, São Paulo, 1988.  
PIANCA, João Baptista. Manual do construtor. Ed. Globo, Porto Alegre. 1967

# 9

## **SISTEMÁTICA DE CONCRETIZAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**

A implantação do Projeto Político Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo, assim como ocorreu no período de sua construção, acontecerá na medida em que todos os envolvidos – alunos, professores, coordenação do curso, departamentos, direção do Centro e administração superior – assumam o compromisso, em diferentes graus de comprometimento, de concretizá-lo.

Aos alunos competem ações de participação efetiva em todas as etapas do processo de implantação, questionando, sugerindo e avaliando o cumprimento da estrutura curricular estabelecida através da definição do objeto do Curso.

Os professores devem adaptar-se às mudanças de conteúdo, metodológicas e estruturais decorrentes da construção de um currículo centrado, agora, no aluno.

Trata-se, portanto, de aluno e professor assumirem, daqui para frente, novas posturas, onde o primeiro passa a ser sujeito do seu aprendizado e o segundo um mediador dessa aprendizagem.

A coordenação do curso, como gestora maior de todo o processo, deve contar com o apoio e a colaboração efetiva das diversas instâncias da administração universitária, seja para acompanhar o desempenho de alunos e professores, para equipar oficinas e laboratórios, para capacitar o corpo docente, recuperar e ampliar a estrutura física do curso ou para indicar a contratação de professores, entre outros.

Nesse sentido, está previsto um conjunto de ações integradas e simultâneas:

<b>AÇÕES</b>	<b>COMPETÊNCIA</b>	<b>CURTO PRAZO</b>	<b>MÉDIO PRAZO</b>
Recuperação da estrutura física do Bloco de Arquitetura.	CCCAU, iniciativa privada, CT.		●
Aquisição de equipamentos para as oficinas e laboratórios do CAU.	Convênios, Programas de Cooperação, CT, PRG, PROPLAN.		●
Integração com os laboratórios dos cursos de engenharia do CT de modo a facilitar atividades didáticas, de pesquisa e de extensão de interesse comum.	CCAU, CT, Departamentos do CT.	●	
Promoção de cursos, seminários e eventos diversos em parceria com os escritórios de arquitetura e as empresas juniores.	CCAU, DA, Iniciativa privada.		●
Constituição de uma comissão de professores para auxiliar a Coordenação do Curso em todas as atividades de acompanhamento e avaliação do PPP/CAU.	CCAU, DA.	●	
Criação do Programa de acompanhamento dos egressos, de modo a realizar avaliações periódicas do seu desempenho profissional e das solicitações do mercado de trabalho com vistas à avaliação do curso.	CCAU, DA.	●	
Implantação do programa de tutoria acadêmica.	PRG, CONSEPE, CCAU.	●	
Criação do Banco de Estágios.	CCAU, DA.	●	
Estímulo à participação dos alunos nos programas institucionais de apoio acadêmico.	CCAU, DA.	●	

Espera-se, assim, dotar o Curso de Arquitetura e Urbanismo das condições necessárias para flexibilizar e pluralizar a formação do seu aluno, para possibilitar-lhe uma base sólida para a aquisição contínua e eficiente de conhecimentos e para articular o ensino e a pesquisa com as demandas sociais. Dessa maneira, poderá integrar o futuro arquiteto e urbanista ao mundo do trabalho.

10

---

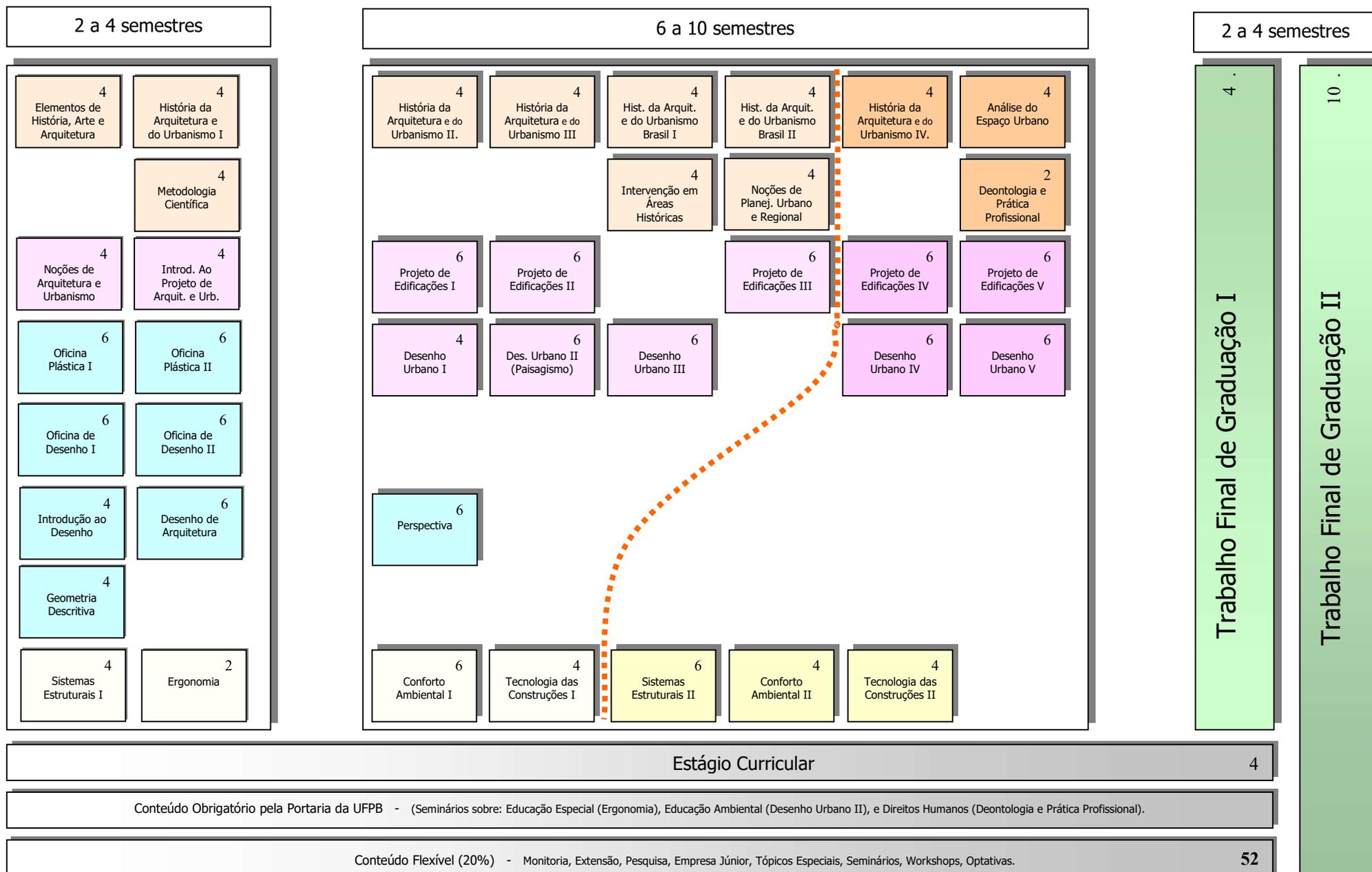
**CERTIDÕES DE APROVAÇÃO**

11

---

**ANEXOS**

# UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CENTRO DE TECNOLOGIA - CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO





# **COMISSÃO DE ELABORAÇÃO**

## **Professores**

**Lúcia Giovanna Duarte de Melo** (Presidente)  
**Maria Elba Dantas de Moura Pereira**  
**Nelci Tinem**  
**Edson Leite Ribeiro**  
**Hélio Costa Lima**

## **Alunos**

**Valéria Diogo Wiendl**  
**Hermann Estefanine R. Aquino**

## **PROGRAMAÇÃO VISUAL**

**Prof. João Crisóstomo de Moraes**